

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

William Dahmer Silva Rodrigues

DE UMA BRANCA PARA OUTRA: DO SINAL ÀS  
RELAÇÕES DIALÓGICAS

Passo Fundo

2017

William Dahmer Silva Rodrigues

DE UMA BRANCA PARA OUTRA: DO SINAL ÀS  
RELAÇÕES DIALÓGICAS

Monografia apresentada ao curso de Letras, Português, Inglês e Respectivas Literaturas, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Letras, sob orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr. Marlete Sandra Diedrich.

Passo Fundo

2017

William Dahmer Silva Rodrigues

**De uma branca para outra: do sinal às relações dialógicas**

Monografia apresentada ao curso de Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção de grau de Licenciatura em Letras, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr. Marlete Sandra Diedrich.

Aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr. Marlete Sandra Diedrich - UPF

---

Prof. Dr. Patrícia da Silva Valério - UPF

Ao Marlon, por *conviver* dialogicamente.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, pelo apoio, pelo amor e pela vida.

Aos meus amigos que, de alguma forma, me motivaram a escrever este trabalho.

Aos colegas do Mundo da Leitura, pelo convívio diário, pelo apoio.

À professora, orientadora de monografia, de pesquisa e amiga Marlete, sem a qual não seria possível realizar este trabalho. Toda minha admiração e carinho. Agradeço imensamente, também, pela insistência e por ter me permitido conhecer suas pesquisas.

*Sobre a beleza o meu pai também explicava: só existe a beleza que se diz. Só existe a beleza se existir interlocutor. A beleza da lagoa é sempre alguém. Porque a beleza da lagoa só acontece porque a posso partilhar. Se não houver ninguém, nem a necessidade de encontrar a beleza existe nem a lagoa será bela. A beleza é sempre alguém, no sentido em que ela se concretiza apenas pela expectativa da reunião com o outro. Ele afirmava: o nome da lagoa é Halla, é Sigridur. Ainda que as palavras sejam débeis. As palavras são objetos magros incapazes de conter o mundo. Usamo-las por pura ilusão. Deixámo-nos iludir assim para não percermos de imediato conscientes da impossibilidade de comunicar e, por isso, a impossibilidade da beleza. Todas as lagoas do mundo dependem de sermos ao menos dois. Para que um veja e o outro ouça. Sem um diálogo não há beleza e não há lagoa. A esperança na humanidade, talvez por ingénua convicção, está na crença de que o indivíduo a quem se pede que ouça o faça por confiança. É o que todos almejamos. Que acreditem em nós. Dizermos algo que se toma como verdadeiro porque o dizemos simplesmente.*

Valter Hugo Mãe

## RESUMO

Neste trabalho, tem-se como objetivo principal analisar os movimentos dialógicos no texto “De uma branca para outra”, de Eliane Brum, publicado no jornal eletrônico *El Pais*. Para tanto, são mobilizados os princípios provenientes do pensamento do filósofo russo Mikhail Bakhtin (2010), (2011) e (2014): signo e sinal, palavra, significação e tema, enunciado e enunciação, e relações dialógicas. Tais conceitos apontam para a singularidade de cada enunciado, o elo na cadeia de comunicação discursiva, e para a relação semântica que este tem com os demais enunciados. Entende-se, nesse sentido, que todo enunciado tem um autor, um sujeito, o qual é um participante da vida de uma determinada sociedade, situado historicamente, com opinião e expressão definidas. Ao estudar o enunciado, estudam-se também os sujeitos que nele assumem sua existência sob a forma de *eu* e *tu*. Para que essa análise seja possível, seguimos a ordem metodológica para o estudo da língua, proposta por Bakhtin (2014): as formas de interação verbal em conexão com as condições de um contexto específico, as distintas formas de enunciação em relação aos gêneros do discurso e o exame das formas da língua. Nesse sentido, as análises são feitas do segundo capítulo em diante, pois se encontram diluídas em cada seção. Dessa forma, ao mesmo tempo em que a reflexão teórica é realizada, faz-se a análise do objeto. Pelos movimentos dialógicos que orientaram a construção do texto de Eliane Brum, pôde-se perceber como os *outros* são invocados e colocados ao lado de *eu*. Assim, ao encontrar a presença de diversas vozes no texto, conclui-se que o sujeito, como foi dito anteriormente, situado sócio-historicamente, se coloca de diversas formas a fim de estabelecer uma ponte entre si e o *outro*. No texto em análise, o *eu* se projeta para o *outro* na tentativa de conversar, alcançar e estabelecer uma proximidade que, até então, não existia. Com esse estudo, percebeu-se, ao analisar um texto, a impossibilidade de vê-lo apenas como um conjunto de palavras ou orações que têm um significado imutável, previsível. Muito pelo contrário: é pela imprevisibilidade da palavra, do enunciado, que a vida da linguagem é possível, pois, se não se esperasse nada da palavra, não haveria singularidade, subjetividade, e a vida seria algo monótono e repetitivo.

**Palavras-chave:** Relações dialógicas. Signo ideológico. Palavra. Gêneros do discurso.

## ABSTRACT

In this paper, the main objective is to analyze the dialogical movements in Eliane Brum's text "De uma branca para outra", published in the electronic newspaper *El Pais*. For that, the principles derived from the thought of the Russian philosopher Mikhail Bakhtin (2010), (2011) and (2014) are mobilized: signal and sign, word, meaning and theme, utterance and enunciation, and dialogical relations. These concepts point to the singularity of each statement, the link in the chain of discursive communication, and to the semantic relation that it has with the other utterances. It is understood, in this sense, that every utterance has an author, a subject, who is a participant in the life of a given society, situated historically, with defined opinion and expression. When studying the utterance, one also studies the subjects who assume their existence in the form of *I* and *you*. For this analysis to be possible, it is followed the methodological order for the study of language, proposed by Bakhtin (2014): the forms of verbal interaction in connection with the conditions of a specific context, the different forms of enunciation in relation to the discourse genres and examination of the forms of the language. In this sense, the analyzes are made from the second chapter onwards, because they are diluted in each section. Thus, at the same time that the theoretical reflection is realized, the object is analyzed. Through the dialogical movements that guided the construction of Eliane Brum's text, one could perceive how *others* are invoked and placed next to *I*. Thus, in finding the presence of several voices in the text, it is concluded that the subject, as it was previously said, situated socio-historically, puts him or herself in various forms in order to establish a bridge between he or she and the *other*. In the text under analysis, *I* projects him or herself to the *other* in an attempt to talk, to reach and to establish a closeness that, until then, did not exist. With this study, one perceived, when analyzing a text, the impossibility of seeing it only as a set of words or sentences that have an immutable meaning, a predictable one. Quite the contrary: it is by the unpredictability of the word, of the utterance, that the life of language is possible, because, if nothing were expected of the word, there would be no singularity, subjectivity, and life would be monotonous and repetitive.

**Keywords:** Dialogical relations. Ideological sign. Word. Discourse genres.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2 RELAÇÕES DIALÓGICAS</b> .....	14
<b>2.1 Metodologia de análise</b> .....	21
<b>3 O SIGNO NO TEXTO: A POSSIBILIDADE DA RESPOSTA DE <i>OUTRO</i> E <i>OUTROS</i></b> .....	23
<b>3.1 De uma branca para outra: um esboço</b> .....	24
<b>3.2 Signo x sinal</b> .....	25
<b>3.3 As formas relativamente estáveis</b> .....	28
<b>3.4 A palavra na vida e a palavra <i>possível</i></b> .....	30
<b>3.5 O estágio inferior e o superior</b> .....	34
<b>4 O <i>EU</i> E OS <i>OUTROS</i>: UMA RELAÇÃO INSEPARÁVEL</b> .....	36
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	43
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	46
<b>ANEXO A</b> .....	47

## 1. INTRODUÇÃO

O âmago da interação humana encontra-se na língua: não há melhor forma de comunicação possível senão pelo seu uso. Discutimos assuntos importantes, expomos opiniões profundas ou superficiais a partir da mobilização da língua. Utilizamos todos os recursos possíveis para alcançar determinadas intenções comunicativas e construir sentidos. Dessa forma, o pesquisador entende que, ao trabalhar com a linguagem, está estudando textos, materialidade linguística que só existe porque foi produto de uma interação entre dois sujeitos. Sujeitos que assumem sua existência sob a forma de textos. Ao olharmos, portanto, para os textos dessa maneira, vemos que estes são enunciados únicos e singulares.

Diante disso, a nossa pesquisa está interessada nestes pontos: a singularidade de cada enunciado, a relação histórica e semântica que ele tem com demais enunciados dentro da cadeia de comunicação discursiva, sobretudo os enunciados presentes numa coluna de opinião, da esfera jornalística. A verdadeira essência do texto aparece sempre na relação entre duas consciências, dois sujeitos. Por isso nossa pesquisa está embasada à luz das ideias do pensamento de Mikhail Bakhtin, o qual estudou aspectos em relação à linguagem e contribuiu significativamente para o entendimento da vida do texto, a partir de um conjunto de conceitos que contribuem para a análise dialógica do discurso. Estão presentes neste trabalho as noções de ideologia, tema, significação, gênero do discurso, enunciado, dialogismo e polifonia.

Ressaltamos que o linguista e filósofo não definiu sistematicamente os conceitos aqui apresentados como uma teoria da análise dialógica do discurso, uma vez que, em primeiro lugar, seria de fato contraditório atribuir um fechamento, uma definição imutável para os princípios que fundem seu pensamento e, segundo, iria contra o princípio dialógico da linguagem: quando a palavra entra no diálogo, não há um final semântico, pois ela sempre quer ser ouvida, respondida, discutida.

Muito se discute, em cursos de Licenciatura, a respeito da função do professor, do modo como ele, no caso do curso de Letras, deve se portar diante de seus alunos, atribuindo maior ênfase aos estudos gramaticais, literários ou discursivos. Além disso, discute-se como abordar determinada temática, por exemplo, com maior ou menor preocupação com a questão social em certos assuntos. Com esse pensamento, acreditamos que Mikhail Bakhtin consegue estabelecer uma ligação entre as relações sociais, que

afetam a língua, os enunciados e, portanto, os discursos. A escolha pelo filósofo revela uma posição ideológica importante: não há pensamento neutro, não há ideologia neutra ou pura. Somos constantemente influenciados, convencidos, persuadidos de diversas formas, nos diferentes domínios ideológicos e temos de ter posição crítica em relação aos acontecimentos que afetam o convívio humano. Pensamos que essa concepção em relação à linguagem pode revelar de que forma os indivíduos constroem seus enunciados; como são influenciados pela presença dos *outros* em seus discursos; de que maneira esses enunciados ecoam na cadeia de comunicação discursiva, entre outros fatores. Acreditamos, também, que esta pesquisa nos auxiliará enquanto docentes no sentido de possibilitar uma visão mais crítica em relação às diferentes formas de expressão humana.

Temos como objetivo principal analisar os movimentos dialógicos mobilizados no texto “De uma branca para outra”, de Eliane Brum. Para tanto, veremos de que forma os sujeitos se colocam na língua, como mobilizam as formas linguísticas para alcançar determinado sentido e como o enunciado, único e singular, se constitui. Para que essa análise seja possível, seguiremos a ordem metodológica para o estudo da língua, proposta por Bakhtin (2014): as formas de interação verbal em conexão com as condições de um contexto específico, as distintas formas de enunciação em relação aos gêneros do discurso e o exame das formas da língua. Nesse sentido, temos a hipótese de que, ao mobilizar a língua, o autor de determinado texto não se coloca explicitamente, mas deixa traços e evidências de si e de outros discursos, os quais contêm forte carga ideológica, uma vez que estamos tratando de signos inseridos num contexto, esfera e gênero específicos. Distinguir o entendimento de signo e sinal em Bakhtin é importante também para compreender sua concepção de ideologia, a qual não pode ser tida, de acordo com Faraco (2009), como o ocultamento do real. Ideologia é um termo que engloba as diversas manifestações superestruturais<sup>1</sup>, como ciência, política, religião, filosofia, ética. Diante disso, o signo linguístico é a forma mais fácil de se ver a ideologia, pois ele demonstra características singulares, as quais serão expostas durante os capítulos deste trabalho.

Considerando-se o que foi exposto até aqui, apresentamos os capítulos que estruturam este trabalho.

---

<sup>1</sup> Por superestrutura, o filósofo, baseado em concepções marxistas, entende que são as formas de expressão da cultura, da ideologia, etc. Nesse sentido, ao estudar a complexidade do signo ideológico, busca analisar como a relação entre infraestrutura e superestrutura se dá por meio do material verbal. Com isso, Bakhtin (2014) entende que o signo tanto pode refletir uma realidade (a infraestrutura) quanto refratar, isto é, distorcê-la, a fim de outros objetivos. Essa possibilidade reside na existência da arena de diferentes interesses, originando a luta de classes. Seu objetivo também é estudar de que forma a infraestrutura determina o signo ideológico.

Inicialmente, discutimos o que são as relações dialógicas, com quais noções elas se relacionam e que importância elas têm para os estudos discursivos. Refletimos, nesse momento, acerca do papel do outro para a construção do discurso. A fim de justificar a razão pela qual o presente trabalho apresenta uma estrutura atípica em relação à maioria dos trabalhos monográficos da área, expomos os princípios teórico-metodológicos que orientam nossa pesquisa. Dessa forma, após mobilizar a noção de relações dialógicas, falamos a respeito da metodologia. Ao falar desses aspectos, revelamos que este trabalho monográfico apresenta suas análises a partir do terceiro capítulo, por isso a presença da metodologia no capítulo que inaugura esta pesquisa.

Em seguida, para o terceiro capítulo, a partir do pensamento bakhtiniano, escrevemos a respeito de alguns princípios que orientam nosso trabalho: signo e sinal, os gêneros do discurso, a palavra e suas propriedades e, finalmente, tema e significação. De que forma e por qual razão é necessário trazer tais noções? Ajudam-nos, num primeiro momento, a entender que os enunciados não são neutros, isto é, sempre adquirem expressão, uma vez que têm autoria e são irrepetíveis. Além disso, em relação aos dois últimos princípios, compreendemos um possível significado de uma palavra apenas quando entendido como um tema, quando utilizado como exemplo numa enunciação possível. Neste capítulo, também, demonstramos a diferença de se analisar uma palavra como sendo o estágio superior ou inferior da capacidade de significar.

No quarto capítulo, discutimos como o falante se marca na língua. Temos a ciência de que os textos sempre têm autoria e foram produzidos com algum propósito: quando vistos como enunciados, os textos ganham algumas características, como as possíveis intenções e a realização destas. Sabemos, no entanto, que é impossível alcançar as intenções reais do falante. O que se pode alcançar é o sentido que foi criado pelos sujeitos que falam no enunciado. Dessa forma, redigimos este capítulo com o objetivo de ver o que e quais sujeitos o texto faz falar.

O objeto de análise desta pesquisa é uma coluna de opinião, publicada no jornal *El País*, escrito por Eliane Brum, em 07/02/2017, intitulado “De uma branca para outra”, a qual demonstra que é pela linguagem que se pode discutir, discordar, concordar com fatos e acontecimentos. Nesse texto, há relações explícitas que demonstram como o movimento dialógico se constrói. A escritora motiva-se a escrever, em primeiro lugar, pelo fato de que o tema apropriação cultural estava sendo discutido de forma constante e, em seguida, busca conscientizar a autora de um enunciado que se viu excluída pelo fato de que utilizou um turbante. Buscamos mobilizar todas as noções, até então redigidas e

discutidas, para olhar o texto de uma forma teórico-metodológica bem embasada. A interpretação e a exposição das análises do referido texto estão presentes a partir do terceiro capítulo, no qual desenvolvemos a interpretação do material de análise de forma paralela ao embasamento teórico. Como o leitor pode perceber, não há nenhum capítulo específico para a exposição dos resultados das análises feitas, pois essa forma de apresentação pretende propor uma maneira diferente de exposição de seus resultados: ao mesmo tempo em que discutimos os princípios teóricos, fazemos a análise, isto é, se, por exemplo, o capítulo trata da diferença de signo e sinal, em primeiro lugar, falamos teoricamente a respeito desses princípios para, com isso, expormos a análise na mesma seção/capítulo.

Justificamos a escolha do texto pelo fato de a escritora Eliane Brum já ser consagrada pelos seus escritos, tanto pela forma poética de discorrer sobre determinado assunto quanto pela relevância e preocupação social presentes. Sua atuação no campo jornalístico é indiscutível: as temáticas de seus textos sempre têm um cunho libertador, reflexivo.

Nas considerações finais, refletimos sobre os aspectos que motivaram a nossa escolha teórica, como também, falamos a respeito das contribuições que este trabalho nos ofereceu, enquanto uma possibilidade de olhar para a linguagem de uma forma diferente, ou seja, uma forma dialógica. Este trabalho, diante disso, nos possibilitou pensar sobre a linguagem, pensar sobre a vida da linguagem, como sendo uma forma de alcançar o outro e *ser* com o outro. Dessa forma, nos constituímos dialogicamente, a partir das experiências e vivências que temos com o outro. À nossa formação, o trabalho de pesquisa é, sem dúvida, um fator decisivo para a consolidação de um pensamento crítico, reflexivo, libertador.

## 2. RELAÇÕES DIALÓGICAS

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar.  
Mikhail Bakhtin

Importa-nos destacar neste capítulo o que são as relações dialógicas e qual é seu efeito para os estudos linguísticos atualmente, sobretudo para esta pesquisa, que tem como interesse olhar para um texto sob a perspectiva dialógica. Para tanto, precisamos mobilizar algumas noções provenientes do pensamento de Mikhail Bakhtin, integrante do Círculo de Bakhtin<sup>2</sup>, que contribuiu significativamente para os estudos linguísticos de sua época, os quais são discutidos até hoje.

Na introdução do livro *Problema da poética de Dostoiévski* (doravante PPD), o professor e tradutor Paulo Bezerra (2010) revela ao leitor que Bakhtin criou uma obra à prova do tempo, isto é, ao demonstrar o seu melhor amadurecimento teórico, neste livro, o pensador russo critica arduamente as concepções monológicas presentes em obras literárias para, com base nas obras de Dostoiévski, escritor russo, demonstrar como a relação entre os diálogos – o dialogismo – é importante para o convívio humano. Segundo Bezerra (2010), a concepção dialógica é uma visão de mundo, uma filosofia que demonstra como o individualismo é uma tragédia, como a negação do *outro* é uma falha.

Embora Bakhtin funde seus conceitos a partir de uma leitura crítica e minuciosa das obras de Dostoiévski, temos a necessidade de demonstrar que essas noções, na nossa análise, não serão somente *aplicadas* ou *constatadas*, mas precisarão também configurar-se como tais, ou seja, deverão dar-se como dialógicas num movimento de sentido, de conversa entre diferentes enunciados. A exemplo disso, Beth Brait (2012), na tentativa de explicitar um possível surgimento da teoria/análise dialógica do discurso, revela que há um “uso indiscriminado do conceito de polifonia” (BRAIT, 2012, p. 14), pois se pensa que este é um conceito abstrato, aplicável a qualquer discurso. Longe disso: Bakhtin fundou tal conceito a partir da análise da obra de Dostoiévski, cuja característica é ser um romance polifônico. Por essa razão, Bakhtin (2010) acreditava que os personagens do romance de Dostoiévski ganhavam voz própria, ou seja, passavam a ser sujeitos próprios, que tinham determinado posicionamento em relação aos fatos da história, pois

---

<sup>2</sup> O Círculo de Bakhtin era um grupo formado por intelectuais, como Valenin N. Voloshinov (1835-1936), Mikhail Bakhtin (1895-1975), Nikolaevich Medvedev (1891-1938), os quais atuavam em diversas áreas do conhecimento. Surgiu no contexto soviético após o período pós-revolucionário com o objetivo, segundo Zanwais (2016), de promover a construção de ideias até então inexistentes na sociedade russa: liberdade, emancipação, marxismo. Não discutiremos, neste trabalho, a questão da autoria do livro *Marxismo e filosofia da linguagem*, portanto, ao referir-nos ao autor, optamos por utilizar Bakhtin, de acordo com a edição brasileira da Editora Hucitec.

construíam-se dialogicamente com outras vozes e posições presentes no romance. Essa posição teórica de Bakhtin demonstrava a possibilidade de haver distanciamento entre escritor e obra criada para “a realização do tema em muitas e diferentes vozes”, uma vez que geravam a “multiplicidade essencial e, por assim dizer, inalienável de vozes e sua diversidade” (BAKHTIN, 2011, p. 199). Além disso, em PPD, Bakhtin revela o que entende por discurso:

a língua em sua integridade concreta e viva, e não a língua como objeto específico da linguística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso. Mas são justamente esses aspectos, abstraídos pela linguística, os que têm importância primordial para os nossos fins. Por esse motivo as nossas análises subsequentes não são linguísticas no sentido rigoroso do termo (BAKHTIN, 2010, p. 207).

Dessa forma, o pensador elabora um método de análise do discurso que une diferentes disciplinas do saber científico, chamado de Metalinguística (aqui, em acordo com o pensamento de Brait (2016), entendida como teoria/análise dialógica do discurso). Mais: há uma explicitação quanto ao objeto de estudo da linguística, no sentido de que sua análise ultrapassa os limites da linguística. Há que se dizer, no entanto, que a análise dialógica não exclui os aspectos linguísticos de sua análise: “as pesquisas metalinguísticas [...] não podem ignorar a linguística e devem aplicar os seus resultados”, ou seja, “devem completar-se mutuamente, e não se fundir” (BAKHTIN, 2010, p. 207).

Bakhtin (2011) afirma que o objeto da linguística é apenas o material, o meio de comunicação discursiva, que não alcança a própria comunicação, ou seja, não chega até o enunciado real, tampouco “as relações entre eles (dialógicas), nem as formas da comunicação, nem os gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2011, p. 324). Para melhor entender a concepção entre a linguística e a análise dialógica do discurso, o pensador afirma mais uma vez que a linguística trata apenas dos elementos no sistema da língua (fonéticos, morfológicos, sintáticos), sendo assim impossível de perceber qualquer relação dialógica entre eles: a linguística torna possível a comunicação dialógica, mas não há relação dialógica em seu sistema.

Para que as relações entre os elementos da língua por Bakhtin, chamadas de relações lógicas e concreto-semânticas tornem-se dialógicas, é necessário, em primeiro lugar, que se materializem em *discurso*, isto é, enunciado, o que significa “ganhar *autor*, criador de dado enunciado cuja posição ela expressa” (BAKHTIN, 2010, p. 210, grifo do autor). Cabe lembrar que Bakhtin, embora critique em outros textos a concepção de uma linguística que não avança para os estudos discursivos, reais da língua, afirma e enfatiza a importância da linguística em estudar a linguagem, a qual possui “sua lógica específica

na sua *generalidade* [...], pois ela abstrai conseqüentemente as relações propriamente dialógicas” (BAKHTIN, 2010, p. 209). Há, aqui, uma concepção rigorosa e exata de linguística. Essa noção é fundamentada, em Bakhtin (2011), em dois linguistas: Willhelm Humboldt e Vossler. O primeiro, de acordo com Bakhtin (2011), levava a função comunicativa da linguagem ao segundo plano, favorecendo a formação do pensamento. A segunda concepção, de Vossler, privilegiava a função expressiva. Dessa forma, acreditava-se que o homem tinha a necessidade de autoexpressar-se, entendendo que a linguagem não tinha relação com *outros* enunciados. De acordo com Bakhtin, “em essência, a língua necessita apenas do falante – de um falante – e do objeto da sua fala, se neste caso a língua pode servir ainda como meio de comunicação, pois essa é a sua função secundária, que não afeta a sua essência” (2011, p. 270). Já em Bakhtin (2014), há críticas sobre as duas orientações do pensamento linguístico filosófico: o subjetivismo individualista e o objetivismo abstrato. A primeira tinha interesse maior na enunciação monológica, descontextualizada e que também acreditava que a enunciação era um ato puramente individual, citado anteriormente, sendo Vossler um dos representantes; já a segunda, chegando a Saussure como principal expressão de tal pensamento, via a língua, de acordo com Bakhtin (2014), como um sistema abstrato de normas imutáveis e entendia que a palavra era algo estrangeiro.

Essa concepção sobre o entendimento do que é linguístico e o que pertence ao enunciado será discutida, agora, com mais cuidado. As unidades da língua, diferentemente do diálogo real (face a face, por exemplo), carecem da alternância entre sujeitos, seja no sistema da língua, seja no nível morfológico. Temos, dessa forma, uma distinção importante: oração e enunciado. Essa, de acordo com o filósofo, é entendida, como mencionamos, uma unidade da língua. Por outro lado, esta é entendida como unidade da comunicação discursiva.

Abordamos, em primeiro lugar, a oração. São apresentadas certas propriedades que demonstram tamanha diferença entre esses dois termos. Para o pensador,

a oração enquanto unidade da língua carece de todas essas propriedades: não é delimitada de ambos os lados pela alternância dos sujeitos do discurso, não tem contato imediato com a realidade (com a situação extraverbal) nem relação imediata com enunciados alheios, não dispõe de plenitude semântica nem capacidade de determinar imediatamente a posição responsiva do *outro* falante, isto é, de suscitar resposta. (BAKHTIN, 2011, p. 278, grifo do autor).

Dizer que a oração não tem as propriedades citadas demonstra uma posição bastante importante em relação aos estudos da linguística, os quais, muitas vezes, estudam apenas as relações entre as unidades da língua e ignoram a situação extraverbal, que é



responsável pela criação do estatuto de enunciado. Outro fato é a impossibilidade de as orações da língua suscitarem uma atitude responsiva, ou seja, de nenhuma forma uma unidade da língua vai ecoar com outras palavras (entendendo-as como estritamente linguísticas). Se isso acontece, significa que alcançaram um outro estágio: enunciado pleno. Não há sujeito, não há outro nas unidades da língua. Quando tomamos isoladamente a frase “O dia está bonito”, compreendemos sem dificuldade o seu significado linguístico, a sua possibilidade em determinado enunciado. Bakhtin (2011), em relação a essa questão, revela que, se a oração estiver isolada, não há possibilidade de atitude responsiva, a qual também é uma das propriedades das relações dialógicas. A atitude torna-se responsiva a partir do momento em que um conjunto de palavras é entendido como enunciado, pois é dessa forma que ele atinge o tecido dialógico da linguagem, sendo um elo na cadeia de comunicação discursiva. Ela é essencialmente uma atitude porque provoca, no *outro*, uma vontade discursiva de expressar o seu ponto de vista de modo a concordar, discordar, perguntar. A impossibilidade de haver atitude responsiva no plano de oração está neste ponto: não há sujeito no sistema da língua, não há posição definida, pois tudo ainda é abstrato, não se tornou enunciado e não alcançou a vida. Ao ser envolvida pelo contexto mais imediato, essa oração – o dia está bonito – adquire status de enunciado pleno, que torna possível uma resposta ativa

Tomando essa afirmação como um enunciado pleno, suscitam as possibilidades de resposta. Por isso é necessário sempre olhar para o sentido pleno dos enunciados em “determinadas condições concretas de comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2011, p. 288). Ainda em relação à oração, o pensador afirma que tanto a oração quanto a palavra (enquanto unidade da língua) não têm autor e são totalmente neutras em relação a qualquer avaliação real. Implica-nos dizer que a oração é “*de ninguém*, como a palavra, e só funcionando como um enunciado pleno ela se torna expressão da posição do falante individual em uma situação concreta de comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2011, p. 289). Dessa forma, percebemos a impossibilidade de olhar para um texto apenas sob a perspectiva de uma linguística por Bakhtin definida. Vemos, no entanto, que para chegar ao enunciado pleno é necessário passar pelas unidades da língua.

As propriedades que não dizem respeito à oração anteriormente citadas estão em consonância total com o entendimento acerca do enunciado: há alternância de sujeitos (por exemplo, no diálogo real); tem contato direto com a realidade; com outros enunciados; ativa a atitude responsiva do *outro* e revela uma plenitude semântica. De acordo com Bakhtin, “todo enunciado [...] tem, por assim dizer, um princípio absoluto e

um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados de outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros” (2011, p. 275). Nesse sentido, percebemos que em qualquer enunciado, desde o diálogo face a face até os escritos científicos, a presença do *outro* está garantida, uma vez que “o enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2011, p. 289). É esse elo que garante a possibilidade da conversa, dos ecos entre outras enunciações, outros enunciados. No processo de construção de nossos enunciados não fazemos escolhas retirando as palavras de um sistema abstrato de signos: “costumamos tirá-las de *outros enunciados* e antes de tudo de enunciados congêneres com o nosso, isto é, pelo tema, pela composição, pelo estilo<sup>3</sup>” (BAKHTIN, 2011, p. 292, grifos do autor). Como discutimos, as palavras da língua não têm autoria, não são de ninguém, no entanto, quando as ouvimos (ou as lemos), tornam-se enunciados individuais, ganhando expressão individual. Discutiremos as propriedades da palavra (enquanto enunciado) mais detalhadamente nos capítulos seguintes.

A fim de defender a ideia de que as relações dialógicas não estão no sistema da língua, Bakhtin (2011) afirma, ao referir-se ao discurso, que todo texto tem um autor, o qual cria os enunciados reais – expressando certa posição – que entram na cadeia de comunicação discursiva. Esse autor coloca-se como sujeito no enunciado e é dessa forma que ele se conecta com a realidade, pois esta é a relação mais imediata possível. No entanto, o estatuto de enunciado, segundo Bakhtin, não é determinado pela capacidade de relacionar-se com algum objeto ou sujeito-autor, mas “com outros enunciados no âmbito de um dado campo da comunicação” (BAKHTIN, 2011, p. 328). Está neste ponto a essência das relações dialógicas: a possibilidade de conversar, discutir, concordar com outros enunciados, essa relação inacabável de diálogos que apenas é possível entre enunciados, entre discursos, entre duas consciências. Ainda mais: “cada pensamento e cada vida se fundem no diálogo inconclusível”, pois a única maneira de “*expressão verbal* da autêntica vida do homem é o *diálogo inconcluso*” (BAKHTIN, 2011, p. 348, grifos do autor).

Isso significa que o homem apenas existe e tem acesso à definição de homem nas formas de *eu* e do *outro*. Disso decorre o entendimento de que “só eu mesmo sou homem, isto é, só o homem e nenhum outro fenômeno concebível por mim existe na forma de *eu* e do *outro*” (BAKHTIN, 2011, p. 349). Essa reflexão valida-se pelo fato de que, na nossa pesquisa, estamos lidando com produtos criados por seres humanos, produtos chamados

---

<sup>3</sup> A respeito disso, tecemos uma discussão no seguinte capítulo.

de enunciados, os quais, como observamos, expressam determinada posição, a qual é revelada no encontro entre outros enunciados e no interior destes.

Interessa-nos, do enunciado, a sua capacidade única e singular de existir, uma vez que este marca um acontecimento, sendo, dessa forma, irrepetível. Percebemos que o linguista preocupa-se com a noção de texto como enunciado para justificar a sua concepção de que os elementos que acompanham o enunciado são apenas meio e material, isto é, criam a possibilidade do estatuto de enunciado. Além disso, à nossa pesquisa, entendemos que tal compreensão é importante tanto para a análise quanto para a concepção construída em relação à teoria dialógica do discurso: ao refletir a respeito da reprodução, citação ou repetição de determinado texto (entendido como enunciado), há um “acontecimento novo e singular na vida do texto” (BAKHTIN, 2011, p. 311). Tal acontecimento se dá pela linguagem, a qual é sempre um ato criado, um novo ato que penetra na comunicação.

Considerado com um ato criado, o enunciado resulta da enunciação de um sujeito, um indivíduo, que não coloca seu corpo e alma no enunciado, mas coloca-se como autor e sujeito do dito, tornando-se singular e único para o ato de fala. De que forma, no entanto, essa ato criado relaciona-se dialogicamente? Ora, uma vez que as relações dialógicas são extralinguísticas, um enunciado é visto dialogicamente a partir do momento em que se fazem relações com outros enunciados. Tais relações, no entanto, não podem somente fazer referência a outros enunciados: cabe-nos também analisar qual é o efeito de sentido criado ao perceber a relação dialógica. Além disso, para que servem as relações dialógicas? Para o linguista russo, as relações acontecem quando há uma convergência entre o confronto de sentidos, isto é, as relações de diálogo não se reduzem ao *diálogo real*, face a face (embora sejam um exemplo claro de relação dialógica): acontecem entre enunciados, os quais não precisam saber tudo sobre o outro, mas estabelecem alguma relação semântica.

Não se pode pensar, nesse sentido, que as relações dialógicas somente existem quando há uma discordância, uma refutação. Para Bakhtin (2011, p. 331), “a *concordância* é uma das formas mais importantes de relações dialógicas” acontecendo, dessa forma, uma *relação dialógica de concordância*, após citar o exemplo entre dois enunciados “belo clima! – “belo clima!” (BAKHTIN, 2011, p. 331), pois nisso há duas vozes, duas consciências convergindo.

Diante da noção construída acerca de relações dialógicas e da diferenciação entre oração e enunciado, precisamos mencionar o fato de que esses princípios são necessários

para o entendimento do todo do trabalho, pois olhamos para enunciados concretos, ou seja, para a materialidade linguística, para um texto que foi produzido por um sujeito, o qual está situado historicamente. Dessa forma, vemos que a reflexão sobre as relações dialógicas revelam que sempre haverá duas consciências, dois sujeitos. Assim, essas relações, que sempre pressupõem a presença do outro, acontecem por meio de marcas e projeções de movimentos dialógicos, uma vez que o nosso objeto de análise é um texto. Com base nisso, temos total noção de que o material verbal é necessário, para que as relações dialógicas possam ser construídas e bem entendidas.

De posse desses conceitos, ao nos voltarmos para o texto, entendemos que a singularidade e a relação que cada enunciado tem na cadeia de comunicação discursiva serviu como motivação para a continuidade de nossa pesquisa. Alertamos para esse fato, pois se não houvesse singularidade no uso da língua, se não esperássemos nada de novo ao mobilizá-la, estaríamos reificando, ou seja, objetificando o diálogo. O que torna o diálogo é o fato de que não se sabe tudo o que será dito de antemão, caso contrário a palavra “sai do diálogo e se coisifica” (BAKHTIN, 2011, p. 328). A palavra precisa estar na cadeia de comunicação discursiva e precisa ser ouvida e respondida.

Com esse referencial, temos a necessidade de expor de que forma vamos olhar para a materialidade linguística, pois estamos trabalhando com textos que foram produzidos por sujeitos. Como informamos ao leitor, a nossa pesquisa está estruturada de uma forma bastante singular e realiza suas análises a partir do seguinte capítulo, de forma a conciliar os princípios teóricos com o resultado das análises que se constituíram como dialogicamente. Nesse sentido, se, para Bakhtin, a vida é constituída dialogicamente e o convívio dialógico é algo necessário, pensamos que a ideia de trazer teoria e análise ao mesmo tempo seria algo interessante e novo. A seguir, para melhor entendimento do leitor, escrevemos como o nosso trabalho está organizado metodologicamente, sob a perspectiva bakhtiniana.

## **2.1 Metodologia de análise**

Neste trabalho, modificamos a ordem metodológica que é usualmente utilizada. As análises feitas neste trabalho estarão juntas às noções que embasam este trabalho, isto

é, ao mesmo tempo em que refletimos acerca dos princípios que nos apoiam, fazemos as análises, a fim de prover ao leitor maior entendimento.

A análise dialógica do discurso, portanto, olha para o texto de uma forma específica. Brait (2016) propõe que o trabalho metodológico se realize de modo a considerar a presença da linguística, como ciência que trabalha com as relações lógicas da língua, as quais não são dialógicas, mas importantes para a possibilidade desta. Nisso, ao considerar a linguística, deve-se descrever as micro e macro-organizações da sintaxe e interpretar marcas enunciativas que revelam sua heterogeneidade discursiva, isto é, que todo discurso é constituído pelo outro, tem a presença do outro, como também, tem a instalação de sujeitos instalados nesses dizeres.

Assim, um texto jamais pode ser analisado sem considerar o momento e as questões ideológicas. Para adotarmos uma perspectiva dialógica da linguagem, precisaremos revisar os principais conceitos presentes nas obras de Bakhtin: signo ideológico, palavra, enunciado, diálogo, relações dialógicas.

Para tanto, seguiremos a ordem metodológica para o estudo da língua proposta por Bakhtin:

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.
2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual. (2014, p. 129)

Analisar os fatos da língua dessa forma significa considerar o sujeito enquanto falante inserido na cadeia da interação verbal. Além disso, as condições concretas em que determinados atos de fala se realizam são outra prova de que é impossível perceber relações dialógicas apenas pelos elementos linguísticos. É preciso, num primeiro momento, conhecer as criações ideológicas, que, de certa forma, refratam e refletem a realidade para então realizar o exame das formas da língua em consonância com os seus usos.

Diante do que foi apresentado até aqui, iniciamos o terceiro capítulo expondo as principais concepções propostas pelo filósofo Mikhail Bakhtin, que servirão como base para a análise que será feita, como dissemos, durante os seguintes capítulos, de forma a garantir uma simetria entre os princípios e o objeto de análise. As relações dialógicas, portanto, expressam a capacidade que a linguagem humana tem de fazer parte de todas

interações. No seguinte capítulo, dessa forma, as concepções de signo ideológico, palavra, tema e significação serão importantes para a construção de uma base para o entendimento do humano enquanto sujeito que significa, que se constitui na relação com o *outro* e os *outros*.

### 3. O SIGNO NO TEXTO: A POSSIBILIDADE DA RESPOSTA DE *OUTRO* E *OUTROS*

*O inferno não são os outros, pequena Halla. Eles são o paraíso, porque um homem sozinho é apenas um animal.*

Valter Hugo Mãe

Neste capítulo, discutimos de que forma os conceitos e princípios bakhtinianos podem nos auxiliar para a análise do texto escrito por Eliane Brum. De que forma se deve perceber o que é escrito em determinado texto? Devemos olhar para o texto isoladamente, ou seja, não considerá-lo parte da cadeia de comunicação discursiva? Como podemos interpretar a palavra? Devemos vê-la como um mero sinal gráfico ou como signo ideológico que adquire valor em determinado contexto? Essas e outras questões serão discutidas aqui para, na sequência, termos noções suficientes para sustentar nossa análise.

A importância dos estudos de Bakhtin, o qual não pode ser considerado estritamente como um linguista, permanece atual e deve ser discutida, respondida, uma vez que o seu trabalho entra na cadeia de comunicação discursiva, no enunciado, que penetra no diálogo inconclusivo. Temos o interesse, também, de olhar para a palavra tanto como unidade da língua quanto como parte do enunciado pleno.

O enunciado, como dissemos, tem sua conclusibilidade, a qual possibilita que haja uma compreensão ativa responsiva, que garante a interação entre sujeitos (consciências). Dessa maneira, devido à conclusibilidade do enunciado, torna-se possível a troca de experiência, de vivências, de conhecimento do *outro*. Esse outro não necessariamente tem de estar definido pelo autor do enunciado. A indefinição, no entanto, não pode ser abstrata. Sem a projeção de um possível *outro*, afirma Bakhtin (2014), não haveria linguagem comum, não haveria comunicação. Nesse sentido, ao escrever determinado texto, o autor necessariamente produz enunciados que, de alguma forma, levam em consideração o seu interlocutor. O que nos leva a entender que o enunciado tem como aspecto constitutivo o chamado “*endereçamento*” (BAKHTIN, 2011, p. 301, grifo do autor). Isso significa que, explicitamente ou não, o enunciado tem autor e, por isso, destinatário.

Ora, no texto que analisamos neste trabalho, fica explícito esse traço constitutivo: o título do texto é “De uma branca para outra”. Disso decorre a noção de que o enunciado não é apenas um conjunto de palavras soltas, neutras, com sentido predefinido. O fato de que o texto claramente está *endereçado* para alguém nos deixa pistas de que a consciência do outro ecoa no texto.

Para responder às questões feitas no início deste capítulo, precisamos mobilizar determinadas noções por Bakhtin constituídas. Cabe ressaltar que, no capítulo anterior, discutimos de que forma as relações dialógicas (entre enunciados, que tem autor, portanto) acontecem em determinadas situações discursivas. As formas de constituição desses enunciados, no entanto, ainda não foram expostas e discutidas. Para melhor entender de que forma esses enunciados se relacionam com *outros* e se constituem a partir destes, temos a tarefa de discorrer a respeito de sinal, signo ideológico, palavra (não como apenas uma unidade da língua, mas como possibilidade de ser um enunciado), significação e tema. Como informamos ao leitor, a análise do texto será feita neste e no capítulo seguinte e, para melhor entendimento do nosso objeto de estudo, dedicamos a seguinte seção como forma de apresentar, brevemente, uma sinopse do objeto em análise.

### **3.1 De uma branca para outra: um esboço**

O objeto de análise é uma coluna de opinião, publicada no jornal *El País*, escrito por Eliane Brum, em 07/02/2017, intitulado “De uma branca para outra”. Nesse texto, a escritora motiva-se a escrever, em primeiro lugar, pelo fato de que o tema apropriação cultural estava sendo discutido de forma constante e, em seguida, busca conscientizar a autora de um enunciado que se viu excluída pelo fato de ter usado um turbante. Essa conscientização acontece como uma tentativa de mostrar a importância que o objeto turbante tem para o movimento negro. Nesse sentido, Eliane Brum mostra-se como uma mulher, branca, com privilégios, escrevendo para outra mulher branca, portanto, com privilégios. É marcante a ênfase que é dada para a impossibilidade de a escritora colocar-se no lugar de uma mulher negra e a possibilidade de colocar-se no posto de outra mulher branca, mesmo com câncer.

A escritora utiliza também o conceito de existir violentamente, isto é, o fato de que apenas por ter nascido branca, mesmo sem ser violenta, a sua existência se torna algo hostil, porque nascer num país em que a elite é dominada pelos brancos, o existir violentamente é uma constante. Em certo ponto do texto, Brum disserta sobre a presença que o negro está começando a ter na sociedade, algo que começou há tão pouco tempo, porque eram apenas os brancos que falavam sobre cultura, sobre o ser negro. Dessa forma, nos diz que a noção de que o branco é *limpo* e não é racista é descartada totalmente:



o privilégio primeiro que perdemos quando as vozes negras começaram a ecoar mais longe é o da ilusão de que somos “limpinhos” porque não somos racistas. Não somos limpinhos. Porque não há como ser branco e ser limpinho num país em que os negros vivem pior e morrem primeiro. É isso que eu chamo de existir violentamente.<sup>4</sup>

Apenas ao final do texto que é construída de fato essa noção de existir violentamente. Os argumentos utilizados pela escritora também trazem outras vozes, como de Ana Maria Gonçalves, escritora, mulher, negra, que fala sobre o uso do *turbante* e suas consequências. Para finalizar sua coluna, que na verdade se projeta como uma carta aberta, Brum expõe suas dificuldades de alcançar os outros e entende que tanto ela quanto Thauane deveriam deixar de utilizar o *turbante* como forma de escutar o outro, de aprender com o outro.

Com base nessas noções, faremos as análises ao mesmo tempo em que nos apropriamos teoricamente do pensamento bakhtiniano, em primeiro lugar, a respeito da distinção entre signo e sinal.

### 3.2 Signo x sinal

Ao discorrer a respeito da questão ideológica do signo, Bakthin (2014) faz uma distinção entre o conceito de *sinal* e *signo*: aquele está ligado à capacidade de identificação, é uma “entidade de conteúdo imutável” (BAKHTIN, 2014, p. 96) e não faz parte da ideologia. Este, por outro lado, é “descodificado” (BAKHTIN, 2014, p. 96), é mutável, variável e compreendido num contexto específico e determinado, tornando-se, assim, um signo *ideológico*.

Ao separar tais conceitos, percebemos que ambas definições remetem a diferentes noções de língua: ao vê-la apenas como sinalidade, um processo de identificação, “vazia de ideologia” (BAKHTIN, 2014, p. 9), esta é tomada como um sistema abstrato de normas e formas linguísticas, as quais estão longe do processo de evolução ininterrupto da realidade linguística; já o outro conceito remete-nos a um entendimento mais interacional e vivo da língua: o locutor não está interessado na forma linguística, o que importa, de fato, “é aquilo que permite que a forma linguística figure num dado contexto, aquilo que a torna um signo adequado às condições de uma situação concreta dada” (BAKHTIN,

---

<sup>4</sup> As citações que não contêm referência sempre dizem respeito ao texto em análise, presente em Anexo A.

2014, p. 96) e a tarefa de descodificação – compreensão –, feita pelo receptor, também define-se pela capacidade de entender a forma num contexto específico. O signo, desse modo, é considerado como o *efeito*, o resultado das relações sociais.

Nesse processo de interlocução, Bakhtin contrapõe as noções que, até então, eram concebidas em relação à *enunciação*. O ato de fala não é individual: é puramente social. Nas palavras do pensador, é “*a situação mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação*” (BAKHTIN, 2014, p. 117, grifos do autor), ao contrário da corrente do pensamento filosófico da linguagem que considerava a *atividade mental* como sendo mais importante que sua expressão. A atividade mental, na verdade, é organizada pela expressão, pelo contexto, pela situação *mais imediata*.

Definimos, então, que o nosso entendimento em relação ao texto e à linguagem reside na interação verbal, a qual é “realizada através de *enunciação* ou das *enunciações*” (BAKHTIN, 2014, p. 127, grifo do autor), que é o lugar onde se encontra a verdadeira substância da língua, ou seja, é pela relação que o ato de fala tem com o contexto mais imediato e com sua ideologia que ele se define. Vemos, portanto, a importância de analisar os atos de fala como socialmente construídos e historicamente marcados. O signo, dentro do discurso, não é tido como uma palavra *estrangeira*, estranha, diferente. Ao contrário disso, a palavra nativa é vista “como um irmão, como uma roupa familiar, ou melhor, como a atmosfera na qual habitualmente se vive e se respira” (BAKHTIN, 2014, p. 104). Tal atmosfera que *se vive e se respira* demonstra o entendimento acerca da palavra: ela é a ponte que me une com o outro, é por meio dela que as relações sociais desencadeiam-se.

Dessa forma, pelos movimentos dialógicos que se constroem no texto de Eliane Brum, pensamos que a atitude responsiva da autora surgiu pelo fato de que o objeto *turbante* é um signo ideológico. Em algum momento da história o *turbante* deixou de ser um mero material de consumo para se tornar um signo ideológico. Isso significa que o *turbante* (objeto material) não é apenas algo que possa ser utilizado na cabeça a fim de proteção. O *turbante* adquire um sentido único que ultrapassa “suas próprias particularidades (BAKHTIN, 2014, p. 32). Esse objeto passa a participar do universo dos signos, o que nos faz refletir acerca de seu funcionamento na vida dialógica da linguagem.

O conceito de *turbante* que criamos neste enunciado é envolvido por uma questão cultural, que nos revela a qual domínio ideológico ele pertence. Com essa posição, podemos, inicialmente, dizer que a primeira noção de *turbante* que temos provém do

enunciado de Thauane, o qual diz que o turbante utilizado por ela demonstra uma forma de apropriação cultural, no seguinte trecho: “E eu comecei a reparar que tinha bastante mulheres negras, lindas aliás, que tavam me olhando torto, tipo ‘olha lá a branquinha se apropriando da nossa cultura’ [...]” (BRUM, 2017). Diante desse enunciado, criamos a noção de que o *turbante* não é apenas uma mera mercadoria, uma vez que é ideológico e transcende a sua função de proteger a cabeça apenas. Como observamos, o centro da discussão do enunciado de Thauane reside no fato de que uma mulher branca não pode usar um *turbante*. Isso é tão enfatizado que, ao final de seu texto, é utilizada a *hashtag* #VaiTerTodosDeTurbanteSim, como uma forma de criar uma corrente, uma campanha para espalhar a noção de que todos podem usar *turbante*, independentemente da cor, crença.

Em seguida, Brum continua dizendo sobre a impossibilidade de colocar um *turbante*, enquanto mulher branca. A noção de *turbante* aqui é a de identidade, de pertencimento. Para reforçar essa ideia, traz outro enunciado, o de Ana Maria Gonçalves, escritora negra que escreveu o livro *Um defeito de cor*. Aqui, com a autora, construímos e reforçamos a ideia de que o *turbante* não é apenas algo estético:

Viver em um turbante é uma forma de pertencimento. É juntar-se a outro ser diaspórico que também vive em um turbante e, sem precisar dizer nada, saber que ele sabe que você sabe que aquele turbante sobre nossas cabeças custou e continua custando nossas vidas. [...] O turbante coletivo que habitamos foi constantemente racializado, desrespeitado, invadido, dessacralizado, criminalizado. [...]

Usar um *turbante*, portanto, significa viver de uma forma específica, ou seja, habitar um *turbante* é uma forma de pertencimento, é algo coletivo, que transcende a beleza de quem o usa. Enfatizamos o fato de que não foi dito que se *usa* um *turbante*: habita-se, vive-se num *turbante*, portanto, esse objeto material é um modo de *ser* de determinado grupo social. A escritora Ana Maria Gonçalves complementa dizendo que “o turbante que habitamos não é o mesmo. O que para você pode ser simples vontade de ser descolado, de se projetar como um ser livre e sem preconceitos, para nós é um lugar de conexão” (GONÇALVES *apud* BRUM, 2017). Confirmamos, então, a hipótese de que o objeto material tornou-se signo, portanto, ideológico, a partir do momento em que indivíduos organizados decidiram constituir-lo como tal, a fim de refletir ou refratar determinada realidade.

Certamente esta análise é um recorte de todas as possibilidades que existem no texto escrito por Eliane Brum. Ao concordarmos com Bakhtin (2014), temos a noção de que todo signo é ideológico, pois ele necessariamente remete a algo que não está em si. O entendimento que se tem de mulher, negra e branca, também revela questões ideológicas, uma vez que ambas carregam um tipo de vivência, de realidade. Na seção a seguir, refletimos a respeito das formas relativamente estáveis de ser do textos, ou seja, dos gêneros do discurso.

### 3.3 As formas relativamente estáveis

A língua é utilizada pelos falantes em diversas situações e campos da atividade humana. Dessa forma, essas situações envolvem os enunciados de forma a construir tipos relativamente estáveis de enunciados. Essas noções advêm do pensamento de Bakhtin (2011), ao falar dos gêneros do discurso, que são caracterizados pelo conteúdo temático, estilo e construção composicional (BAKHTIN, 2011). Nesse texto, o filósofo fala da importância dos gêneros do discurso para o convívio humano e ressalta a impossibilidade de comunicação se não houvesse formas relativamente estáveis. Em primeiro lugar, o ser humano fala através de enunciados e estes têm “*formas* relativamente estáveis e típicas de *construção do todo*” (BAKHTIN, 2011, p. 282), isto é, de acordo com as possibilidades que a situação permite, o falante mobiliza a língua, com suas intenções discursivas, e utiliza uma *forma* de enunciado, que entrará na cadeia de comunicação discursiva. Os gêneros, nesse sentido, são as formas possíveis de existência da língua, uma vez que eles são concebidos naturalmente pelo falante. Essa construção do todo é o que torna os gêneros estáveis, pois há sempre uma noção de como o gênero opera na comunicação discursiva. Além de estável, como dissemos, eles são *relativamente* estáveis, ou seja, não tem uma forma imutável de existir, de serem feitos.

É nesse ponto que o caráter estilístico entra: a possibilidade de haver individualidade no enunciado. O primeiro argumento é o fato de o enunciado ser singular, pois tem autor e expressa posição ativa do falante. Bakhtin discorre a respeito e diz que “todo enunciado [...] é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve), isto é, pode ter estilo individual (2011, p. 265). Essa individualidade, no entanto, depende necessariamente do gênero do discurso. Na literatura, por exemplo, é possível perceber maior diversidade de gêneros que permitem transparecer a

individualidade. Por outro lado, como em documentos oficiais, assuntos burocráticos, há pouco reflexo de individualidade, pois estes gêneros têm uma forma padronizada.

Como discutimos, os gêneros tornam a língua possível: se não nos comunicássemos através de gêneros do discurso – se eles não existissem –, haveria dificuldade enorme para a comunicação humana, pois teríamos que criar gêneros pela primeira vez em qualquer tipo de situação comunicativa. Projetamos o nosso discurso, portanto, sempre em formas de enunciados, que estão em conexão com um gênero do discurso. Quando falamos da capacidade que o enunciado tem de ser singular, individualizado, não estamos atribuindo-lhe um caráter de formação autônoma, independente da situação sócio-histórica, uma vez que este não é uma “*combinação absolutamente livre* de formas da língua” (BAKHTIN, 2011, p. 285). Para nós, diferentemente da corrente de linguistas por Bakhtin (2011) criticada, não vemos o enunciado como um ato individual e sim como um dos elementos que tornam possível a comunicação discursiva. Por isso, cabe dizer, os gêneros do discurso são mais “mutáveis, flexíveis e plásticos” (BAKHTIN, 2011, p. 285) que as formas da língua.

Outro fator importante a respeito dos gêneros do discurso é o de que, para o indivíduo falante, os gêneros do discurso são dados a ele e não por ele criados. Isso demonstra seu caráter normativo, como também o fato de que não são dadas formas da língua, mas formas de enunciados. E tais enunciados estão sempre em ligação com a história da sociedade e da linguagem e, por isso, a uma esfera de comunicação humana. As esferas definem e organizam quais gêneros circulam em determinada atividade humana. De acordo com o filósofo, os gêneros se dividem em dois: primários e secundários. O primeiro se constitui por gêneros que circulam na esfera cotidiana e absorvem, também, a ideologia do cotidiano. O outro engloba as formas mais complexas, mais formalizadas, como a arte, a política, a religião. Ambos sempre estão em relação dialética, uma vez que um não exclui o outro.

Nesse sentido, ao olharmos para o nosso texto em análise, percebemos como essas formas relativamente estáveis de enunciados auxiliam na construção, na composição e no entendimento do que está sendo dito. Em primeiro lugar, o texto de Eliane Brum pertence à esfera jornalística e faz parte do gênero coluna de opinião. Esses fatos nos revelam pistas e possibilidades de construção num primeiro momento. Quando procuramos, em jornais, por colunas de opinião, temos expectativas da forma como determinado assunto será tratado. Ao entrar em contato com o texto em análise, percebemos que, estruturalmente, a coluna não se parece com uma coluna de opinião, em que o autor

dissertará a respeito de um assunto, expondo sua opinião: o texto de Eliane Brum, na verdade, se projeta como uma carta aberta, por diversos fatores que serão expostos durante as análises deste trabalho.

Ao mesmo tempo em que não parece uma coluna de opinião, o texto de Eliane Brum está inscrito, como mencionamos, na área “coluna de opinião”, do jornal *El País*. As escolhas linguísticas definem o caráter e a forma de seu enunciado, o qual expressará seus valores, sua individualidade, uma vez que o gênero permite. Cabe lembrar, aqui, que as escolhas linguísticas não dizem respeito somente às escolhas de unidades da língua, mas revelam, num primeiro momento, a atitude responsiva ativa de outros enunciados. Por isso, quando lemos o texto de Eliane Brum, não olhamos para as palavras e os seus significados: olhamos para enunciados com sentidos concretos (BAKHTIN, 2011). As noções de sentido concreto e significado, em Bakhtin (2014), serão chamadas de *tema* e *significação*, respectivamente, os quais discutiremos nas seções seguintes.

Olhando para o texto como um enunciado, percebemos que ele adquire expressividade, revelando, dessa forma, uma tomada de partido por parte de quem fala. Na seção a seguir, discutimos o entendimento que o filósofo Mikhail Bakhtin tinha acerca da palavra.

### 3.4 A palavra na vida e a palavra possível

Nesta seção, apresentamos como a *palavra* pode conter tantos significados e atribuições para Bakhtin. Encontramos reflexões acerca de seu entendimento nas duas obras que sustentam este trabalho. Após explicitar a atribuição ideológica do signo em qualquer instância – um produto de consumo, um material físico –, o linguista revela que a palavra é o “*fenômeno ideológico por excelência*” (2014, p. 36) e, ao final do capítulo, que a palavra apresenta quatro propriedades:

Sua pureza semiótica, sua neutralidade ideológica, sua implicação na comunicação humana ordinária, sua possibilidade de interiorização e, finalmente, sua presença obrigatória, como fenômeno acompanhante, em todo ato consciente – todas essas propriedades fazem dela o objeto fundamental o estudo das ideologias. (BAKHTIN, 2014, p. 39)

Agora, é importante olhar mais cuidadosamente para cada qualidade. Lembremos que essas quatro definições não estão ordenadas de forma a demonstrar qual é a mais importante: a palavra é um todo e somente pelo todo que podemos entendê-la,

compreendê-la nesta pesquisa. A primeira citada pelo autor, a pureza semiótica, diz respeito à capacidade, à onipresença da palavra em todas as esferas sociais: ao invés de se referir a um domínio ideológico específico, a palavra é o “modo mais puro e sensível da relação social” (2014, p. 36). Na sequência, ao discorrer acerca da neutralidade ideológica, Bakhtin revela que os demais sistemas de signos são criados apenas para refletirem e refratarem um domínio específico; já a palavra “é neutra em relação a qualquer função ideológica específica” (2014, p. 37), ou seja, ela tem a capacidade de assumir uma função ideológica de qualquer domínio: científico, religioso, moral.

No que diz respeito à possibilidade de interiorização, a palavra pode funcionar como um “instrumento da consciência” (2014, p. 38), pois ela se torna um signo interior. De acordo com Stella (2013), a palavra é a única forma de conexão entre o conteúdo interior do sujeito – a consciência – e o mundo exterior, ambos constituídos por palavras. É por meio da interiorização e do confronto pelas palavras, entre sujeitos reais, que acontece a apreensão de palavras novas. Finalmente, em relação à participação da palavra em todo ato consciente, podemos dizer que a palavra anda com todo ato ideológico e participa de toda criação ideológica, o linguista enfatiza que “todas as manifestações da criação ideológica – todos os signos não-verbais – banham-se no discurso e não podem ser nem totalmente isoladas nem totalmente separadas dele” (2014, p. 38). Em seguida, percebemos que a noção de *palavra* sendo o principal produto da criação ideológica permanece nos demais capítulos.

No final do terceiro capítulo, vemos o sentido de palavra da mesma forma: “uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória. A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais.” (2014, p. 67). Além disso, no sexto capítulo do mesmo livro, intitulado “A interação verbal”, Bakhtin entende a palavra como “uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros”, uma vez que ela sempre “procede *de* alguém” e “se dirige *para* alguém” (2014, p. 117). As duas faces – *de* e *para* alguém – demonstram sua importância na interação, como exemplificado anteriormente pelo título do texto em análise.

Além disso, em *Estética da criação verbal* (2011), o filósofo revela que a palavra existe para o falante sob três aspectos:

como palavra da língua neutra e não pertencente a ninguém; como palavra *alheia* dos outros, cheia de ecos de outros enunciados; e, por último, como a *minha* palavra, porque, uma vez que eu opero com ela em uma situação

determinada, com uma intenção discursiva determinada, ela já está compenetrada na minha expressão (BAKHTIN, 2011, p. 294).

Quando a palavra encontra a realidade, torna-se enunciado, portanto, tem ecos de *outros* e adquire expressão individual. Por outro lado, quando é considerada apenas uma palavra da língua, sua expressão permanece neutra, pois não há nenhum contato com o extraverbal.

Percebemos, no texto de Eliane Brum, como a palavra do outro é necessária para a construção de seus escritos. A escritora inicia o seu texto desta forma:

Thauane,

Em 4 de fevereiro, você postou o seguinte texto em sua página no Facebook: “Vou contar o que houve ontem, pra entenderem o porquê de eu estar brava com esse lance de apropriação cultural: eu estava na estação com o turbante toda linda, me sentindo diva. E eu comecei a reparar que tinha bastante mulheres negras, lindas aliás, que tavam me olhando torto, tipo ‘olha lá a branquinha se apropriando da nossa cultura’, enfim, veio uma falar comigo e dizer que eu não deveria usar turbante porque eu era branca. Tirei o turbante e falei ‘tá vendo essa careca, isso se chama câncer, então eu uso o que eu quero! Adeus’. Peguei e saí e ela ficou com cara de tacho. E, sinceramente, não vejo qual o PROBLEMA dessa nossa sociedade, meu Deus”. Ao final, você fez a hashtag: #VaiTerTodosDeTurbanteSim.”

Em seguida, a escritora declara que esta coluna de opinião será escrita em formato de carta, fato que importa tanto para a constituição do texto como um todo quanto pela forma como o falante lida com as possibilidades da língua. Precisamos olhar, antes disso, para o fato de o enunciado do *outro* estar escrito, explicitamente, no texto de Brum. Ao trazer outro enunciado, o discurso de Brum adquire dupla expressão: a palavra do outro é inserida no contexto e é, de certa forma, emoldurada por quem escreve. Isso não significa que há uma relação de concordância: a expressão do outro se enfraquece, pois quem enuncia tem total poder de subverter as possíveis intenções de quem o escreveu. Quando o enunciado idêntico do outro – mesmo poucas palavras – é trazido para um novo enunciado, não quer dizer que apenas houve uma repetição do dito do outro, mas a criação de algo novo, pois mudou de lugar e função no todo do enunciado.

A coluna, que circulou no meio jornalístico, também se apresenta com uma estrutura diferente: inicia-se com um chamamento, um vocativo, cujo nome é Thauane. Ora, em se tratando de estrutura, essa escolha é característica do gênero carta, como também o título se torna uma espécie de envelope imaginário: De: uma branca. Para: outra. Além disso, a autora dirige-se à interlocutora na forma de *você*, o que significa que há, ao menos, uma projeção de proximidade almejada por Brum. Dessa forma, ao invocar



o nome e o enunciado criado por Thauane, o texto demonstra uma alternância entre sujeitos, marcada claramente pelas aspas. Bakhtin (2011) afirma que, nesse tipo de alternância dos sujeitos, as relações dialógicas são ouvidas nitidamente. Nesse texto que analisamos, o enunciado de Thauane ecoa ao longo de toda a coluna de Brum, revelando que a presença do outro é necessária para a constituição do seu dizer. Percebemos, além disso, que o enunciado criado penetra na comunicação discursiva e demanda uma resposta, seja para discordar, seja para complementar, concordar. Brum explicita em seu texto o seu objetivo:

Eu acredito muito em cartas, Thauane, porque elas pressupõem um remetente e um destinatário. E elas expressam algo ainda mais fabuloso, que é o desejo de alcançar o outro. Poucas coisas são mais tristes que cartas perdidas, extraviadas. Cartas que não chegam ao seu destino. E quando a gente conversa com um muro no meio, as cartas não chegam. O muro barra o movimento da palavra.

As cartas, para a escritora, são a forma mais fácil de estabelecer uma ligação entre quem escreve e quem lê. Nesse sentido, vemos que o enunciado responde, a fim de servir como ponte para chegar ao outro. Quem enuncia, aqui, constitui-se dialogicamente, uma vez que traz consigo a consciência do outro constantemente. A escritora complementa dizendo que “a carta é o gênero com que posso melhor expressar meu afeto” (BRUM, 2017). Diante disso, percebemos como é importante olhar para a palavra enquanto enunciado e não como unidade da língua. Se olhássemos para a língua enquanto sistema, não veríamos relações dialógicas, sequer perceberíamos o enunciado do outro como parte integrante que revela a alternância entre sujeitos. Não há sujeito no sistema da língua, pois as relações são lógicas. A palavra demonstra suas propriedades: por ser ubíqua, está no domínio jornalístico; pelo fato de ser ideologicamente neutra (no sistema da língua), adquire expressão quando envolvida pelo contexto; pode tornar-se signo interior, funcionando como uma ponte entre a consciência e o mundo exterior; por fim, participa de todo ato consciente, pois sempre está com toda expressão ideológica.

O texto, dessa forma, constrói-se com a presença de, pelo menos, duas consciências. Brum tenta se projetar como alguém que está preocupado com a possibilidade de se colocar no lugar do outro, de mostrar-se como sujeito empático. Essa projeção de alteridade é característica também da relação dialógica: ao escrever, busca-se uma adequação para com o interlocutor, uma vez que, de acordo com Bakhtin, sempre se leva “em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário:

até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação” (2011, p. 302). Por isso, Brum tece suas ideias relevando, em primeiro lugar, suas dificuldades:

eu inicio dizendo a você que não sei como é receber um diagnóstico de leucemia. Não sei como é perder o cabelo aos 19 anos. Não sei como é acreditar que encontrou uma saída estética para cobrir a nudez da cabeça e ouvir que esta saída não é ética. Não sei. Mas tento saber.

Ao mesmo tempo em que expõe suas dificuldades, sua impossibilidade de alcançar o outro, Brum busca, pela linguagem, colocar-se como uma escritora que tem alteridade, pois preocupa-se com o lugar e a posição social que o outro tem. Dessa forma, a presença do outro ecoa e marca-se novamente. Como percebemos, a reação dialógica de Brum trouxe o enunciado completo de Thauane, isto é, a reação deu-se por causa do todo. Nem sempre as reações dialógicas acontecem por causa de enunciados integrais (BAKHTIN, 2010), pois uma palavra pode suscitar tal reação. O que observamos, no entanto, é que, ao longo do texto, é a palavra *turbante* revela reação e relação dialógica, demonstrando que através desta palavra se chocam, no mínimo, duas vozes: a de Brum e a de Thauane.

A fim de aprofundar melhor o entendimento acerca de determinadas palavras do texto em análise, precisamos mobilizar os conceitos de tema e significação, que fazem parte da próxima seção deste trabalho.

### **3.5 O estágio inferior e o superior**

De acordo com a distinção definida por Bakhtin (2014), entendemos, em primeiro lugar, que tema e significações são inseparáveis, um precisa do outro para existir. Em seguida, percebemos que o tema diz respeito à enunciação completa: “o tema da enunciação é na verdade, assim como a própria enunciação, individual e não reiterável” (2014, p. 132), ou seja, o tema é único, uma vez que ele depende do contexto, da situação histórica. É, além disso, determinado não apenas pelas formas linguísticas, como aponta Bakhtin, mas também por características não verbais do momento vivido.

O tema da enunciação é concreto, tão concreto como o instante histórico ao qual ela pertence. Somente a enunciação tomada em toda a sua

amplitude concreta, como fenômeno histórico, possui um tema. Isto é o que se entende por tema da enunciação. (BAKHTIN, 2014, p. 134)

Diante disso, percebemos a importância de se analisarem os fatos que vão além do linguístico. Assim, se por um lado o tema não é reiterável e historicamente único, a significação é reiterável, serve como um “*aparato técnico para a realização do tema*” (2014, p. 134) por outro. Então, distinguimos significação e tema desta forma: o primeiro é o estágio inferior da capacidade de significar e o segundo o estágio superior da mesma capacidade. A significação é apenas a “possibilidade de significar no interior de um tema concreto” (2014, p. 136). O linguista oferece duas possibilidades de se estudar a significação: ou se analisa a significação para um estágio superior, o tema, e perceber a significação que ela adquire num dado contexto, ou se faz uma investigação das diversas significações que determinada palavra adquiriu durante a história, estudando com base no dicionário.

A significação, então, não pode pertencer a uma palavra descontextualizada. O que ela pode é realizar-se na “união entre os interlocutores, isto é, ela só se realiza no processo de compreensão ativa e responsiva [...] Ela é o efeito *da interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro*” (2014, p. 137). Dessa forma, percebemos que é impossível identificar tema e significação em contextos inexistentes, em palavras abstratas, fora da comunicação verbal. A partir dessas noções, analisamos, no seguinte capítulo, de que forma os sujeitos se instalam no enunciado e quais são os efeitos construídos com isso.

#### 4. O EU E OS OUTROS: UMA RELAÇÃO INSEPARÁVEL

*A humanidade começa nos que te rodeiam, e não exatamente em ti. Ser-se pessoa implica a tua mãe, as nossas pessoas, um desconhecido ou a sua expectativa. Sem ninguém no presente nem no futuro, o indivíduo pensa tão sem razão quanto pensam os peixes.*

Valter Hugo Mãe

Neste trabalho, o que torna possível que se estabeleça um confronto de ideias, um confronto entre consciências é o material linguístico, o qual assume um status de *meio* para se fazerem presentes as relações dialógicas. Esse confronto acontece entre sujeitos, que assumem sua existência sob a forma de textos. Por isso, delimitamos o nosso trabalho ao nos ocuparmos com a presença dos sujeitos nos enunciados em análise. Não estamos fazendo uma análise sociológica, no sentido de perceber como as relações sociais acontecem em determinada época. Voltamo-nos para a análise de como determinados sujeitos, situados sócio-historicamente, que tem expressão e um juízo de valor formados, colocam-se nos textos. Isso significa que a nossa análise olha para o material linguístico, procurando estabelecer uma relação entre os enunciados. Certamente não podemos negligenciar a presença da situação social, pois, como sabemos, é ela que definirá o posicionamento de cada sujeito que se coloca no enunciado, uma vez que este é o elemento que tem contato mais direto com a realidade.

Com isso, pensamos que, ao analisar a presença dos sujeitos no enunciado, precisamos nos questionar sobre o que Bakhtin entende por sujeito na língua e como este se constrói. Referindo-se ao enunciado, o filósofo demonstra que todo ato criado tem um autor, ou seja, para que haja enunciado, é necessário haver alguém (um sujeito) para fazê-lo. Sujeito, nesse sentido, é a pessoa física que tem a capacidade de produzir uma unidade de comunicação discursiva. Por outro lado, não estamos estudando especificamente o sujeito físico neste trabalho. O que nos interessa, de fato, é o material sócio produzido por esses sujeitos, que sempre pretendem construir um novo sentido para seus dizeres.

O material criado é importantíssimo, uma vez que revela de que forma o sujeito é influenciado pelos enunciados dos outros. A questão, aqui, no entanto, é descobrir, no material linguístico especificamente, como o sujeito se instala no seu enunciado. Essa noção de instalação revela que, de certa forma, o sujeito tem o poder de tanto instalar-se no enunciado criado quanto instalar outros sujeitos no seu dizer, que vão demonstrar certa vontade discursiva em comum.

Construímos, assim, a ideia de que há sempre um sujeito por trás do enunciado, certamente, que se coloca, de alguma forma, no seu dizer. Este colocar-se, portanto, suscita a necessidade de haver um outro. Não há como o indivíduo expressar-se linguisticamente senão por causa de algum enunciado que ouviu ou leu, para opinar, tomar partido, responder. Essa expressão constitui-se como um ato de fala, o qual entra na vida da linguagem como forma de um enunciado concreto. O sujeito, então, instala-se na forma de *eu*, o qual se forja dialogicamente com uma outra consciência. Tal afirmação demonstra a importância que a presença da consciência do outro é indubitavelmente necessária para a constituição de uma autoconsciência, uma vez que “eu tomo consciência de mim e me torno eu mesmo unicamente me revelando para o outro, através do outro e com auxílio do outro” (BAKHTIN, 2011, p. 341). Com base nesse pensamento, compreendemos que o sujeito nunca estará sozinho, sempre será o sujeito e o *outro*, ou o sujeito com a imagem do outro. Bakhtin (2011) revela que a ideia de solidão, de desligamento, de recusa do outro é a principal causa da perda de si. Por isso nos diz que “ser significa *conviver*” (BAKHTIN, 2011, p. 341), porque a ideia de existência pressupõe o outro para, assim, através dele, ser.

Por essa razão que as relações dialógicas, como o pensador bem definiu, são extraverbais, ao mesmo tempo em que precisam do sistema de signos para aparecer. As relações, que discutimos neste trabalho, encontram-se no campo do discurso, o qual é essencialmente dialógico, porque pressupõe um *outro*. Então, a autora do texto que tecemos análise constitui-se dialogicamente enquanto cria o seu enunciado. Instala-se como detentora da palavra sob diversas formas. A ideia de instalação, como mencionamos, revela um posicionamento diferenciado em relação ao outro. Ao optar por escrever uma carta aberta à Thauane, o eu que enuncia percebe esse gênero como uma possibilidade de diálogo com o *outro* (o tu). Os sujeitos assumem a sua existência, como observamos, nas formas de *eu* e *tu* neste enunciado. É pela interação, portanto, pelo diálogo que ambos se constituem a ponto de perceberem que *ser é conviver* (BAKHTIN, 2011). O homem não se percebe como *ser* quando está diante de um objeto, algo que não tem atitude responsiva. Apenas quando entra em contato com outra consciência o homem se vê e percebe o outro.

Em nenhum momento desta pesquisa percebemos o texto de Eliane Brum como um ato de cunho monológico, pois dessa forma estaria indo contra o surgimento de novos enunciados, de novas respostas. O monólogo, para Bakhtin (2011), caracteriza-se pela recusa de uma outra consciência. Como consequência disso, mesmo quando, num

monólogo, há um *outro*, este reifica-se, isto é, objetifica-se, servindo apenas como objeto da consciência. Pelo contrário: a autora constitui-se como sujeito pelo movimento dialógico que tem para com o *outro*, neste caso explícito, Thauane, que está sob a forma de *tu*. No entanto, por se tratar de um texto que tem um viés público e, por isso, não foi apenas tecido com a intenção de alcançar Thauane, ao dirigir-se à *outra branca*, a autora dirige-se a um conjunto de mulheres que pensam como ela.

Em seguida, ao tentar se colocar no lugar de uma outra mulher branca, a autora, na verdade, procura alcançar o outro por meio da palavra, de *ser* com o outro e *ver* pelo outro. Essa noção de existência, como discutimos anteriormente, revela que *ser* é comunicar, isto é, para que os sujeitos assumam sua existência, é necessário *dizer*, colocar-se. Para além dessa questão, criamos uma noção, com base no que foi criado – o texto – de Eliane Brum. Essa noção implica uma personificação do sujeito que está por trás do enunciado.

Analisamos, agora, o modo como a autora se projeta em seu enunciado. O *eu* que enuncia, logo no início, demonstra que pretende vestir a pele do *outro*. Um ato que só pode ser dito pela possibilidade dialógica da vida da linguagem. Na sequência, se olharmos para a palavra “vestir”, percebemos que ela, por si só, carrega uma ideia de *estar*, revelando que a escolha de Brum não foi por acaso: o *eu* se coloca diante do *outro*, neste enunciado, a fim de sair do local em que se encontra para transportar-se e, além de realizar esse movimento, vestir a pele do *outro*, como uma forma de olhar o *outro* “*com os olhos do outro*” (BAKHTIN, 2011, p. 341). Por isso a noção de que o homem não é autossuficiente, pois sempre está na fronteira entre a sua e a consciência do outro.

Depois disso, o *eu* declara que o *outro* foi personificado com base em um enunciado: “É isso que eu apalpo quando tento te alcançar tendo apenas lido você no Facebook. Você doendo [...]” (BRUM, 2017). A noção de que há um sujeito por trás do enunciado é tão visível que a autora relata que apenas leu Thauane no Facebook, isto é, personificou-a com base em seu enunciado, criou uma imagem de Thauane a partir de seus escritos. Decorre daí o fato de Brum ter escrito *tendo apenas lido você* e não *tendo lido as palavras que você escolheu para dizer o que aconteceu*. Essa ocorrência justifica muito o fato de que as pessoas criam seus enunciados, que penetram na cadeia de comunicação discursiva e não os veem apenas como um conjunto de palavras, mas veem neles a vida acontecendo, veem um homem *sendo* com *outro* e *outros*.

Esse texto, como discutimos nas seções a respeito dos gêneros do discurso e da palavra, constitui-se como uma projeção de uma carta aberta, uma vez que foi publicado

numa coluna de opinião de um jornal. Diante disso, sabemos que, quando o falante produz algum enunciado, de acordo com Bakhtin (2011), sempre é interpretada uma *vontade discursiva*. O que se revela no texto é uma vontade de dizer que é mais fácil colocar-se no lugar de uma outra mulher branca. Não somente se colocar, mas estabelecer um diálogo para com o outro.

Como afirma Bakhtin (2011), ao conhecer o discurso do outro, sempre imaginamos o que este *quis dizer* com determinada ideia. Sabemos que é impossível, ao ler um enunciado, saber as reais intenções do falante. O que podemos descobrir, sem dúvidas, são os possíveis sentidos e movimentos dialógicos construídos durante e ao final do texto. Demonstramos que Brum percebe Thauane a partir do seu dizer e, assim, dialoga com ela. Além disso, para que haja uma espécie de permissão de uma possível interação, o *eu* começa a falar de si. Essa forma de se comunicar revela uma atitude muito afetiva por parte de Brum, pois antes mesmo de expressar sua ideia em relação ao uso de *turbante*, o *eu* precisa dizer algo sobre sua experiência, sua vivência. Isso fica claro nos seguintes trechos:

Eu escuto você. E compreendo o caminho do seu pensamento. E percebo que, para mim, não é difícil vestir a sua pele, ainda que não possa, jamais poderei, vesti-la por completo. É neste ponto que sou atravessada pela primeira interrogação. É mais fácil vestir a sua pele branca do que vestir a pele negra da mulher que te abordou com um não [...]

Esta constatação me faz perceber que, exatamente por ser mais difícil, eu preciso tentar mais. [...] Sabe, Thauane, eu nasci e cresci numa cidade em que a maioria é descendente de imigrantes europeus, especialmente alemães [...]

Na cidade de minha infância, as negras sequer eram aceitas como empregadas domésticas. [...]

Percebi então que eu, como mulher branca, descendente de imigrantes europeus, já nasço neste país com muitos privilégios. [...]

É preciso, neste contexto, que Eliane Brum fale de si mesmo para alcançar o outro. Ao falar de si, fala do outro como uma forma de aproximar-se, de revelar-se para o desconhecido. Após isso, o enunciador se coloca não somente na forma de *eu*, mas introduz quem anteriormente era o *outro* como participante do dizer: “Quando a gente ouve um ‘não’, Thauane, nossa primeira reação é dizer um ‘sim’ [...] (BRUM, 2017). Participam, juntas, sob a forma de *a gente*. Temos aqui duas consciências em que ao menos uma está realizando um movimento dialógico que pressupõe ser o mesmo do *outro*. Além da forma *a gente*, percebemos que depois de Brum ter relatado à Thauane coisas que dizem respeito somente a sua vivência, há uma aproximação projetada entre ambas, no sentido de que houve essa permissão almejada por quem está enunciando.

Depois disso, Brum, pela linguagem, coloca-se no lugar de Thauane, revelando que, para alcançar o outro, deve-se necessariamente escutá-lo. Por isso diz: “Assim, quando ouvi que não deveria usar turbante, entre outros símbolos culturais das mulheres negras, fui escutá-las” (BRUM, 2017). Surgem aqui questionamentos em relação a essa construção: que sujeito é esse que diz *eu*? Ele necessariamente deve coincidir com o autor do enunciado? À primeira pergunta, temos duas possibilidades, considerando o contexto e a situação sócio-histórica: 1) o sujeito deste enunciado claramente é Eliane Brum, pois ela já vivenciou algo parecido e, por isso, traz sua vivência à linguagem a fim de contribuir para com a construção de sua carta aberta; 2) pelos movimentos dialógicos, a autora projeta-se como Thauane e, com ela, constrói a ideia de que, para alcançar o outro, é preciso escutá-lo. Em relação à segunda questão, respondemos negativamente, uma vez que, no enunciado, quem diz *eu* não necessariamente condiz com o sujeito falante.

Ao nosso texto, descobrimos que a primeira hipótese se confirma: Eliane Brum, em seguida, traz o enunciado de Ana Maria Gonçalves, o que assinala que a forma de ouvir o outro se deu pela leitura de um texto publicado pela referida escritora em outro jornal, *The Intercept*. Trazer esse enunciado, como sabemos, significa também trazer o *outro*. O que assegura essa possibilidade é sua conclusibilidade: o enunciado, enfim, foi ouvido e penetrou na cadeia de comunicação discursiva. Diferentemente do enunciado criado por Thauane, que foi trazido em sua totalidade, Brum estabelece as relações com apenas alguns trechos dele, os quais auxiliam na construção de uma carta de branca (BRUM, 2017).

Em seguida, devemos destacar novamente e nos ater com mais cuidado para a presença do *outro* neste texto. O *outro* que aqui está com o *eu* se expressa sob a forma de Thauane. Podemos dizer que a sua presença no texto é de suma importância, uma vez que a carta aberta foi claramente destinada à ela, Thauane, conforme a preposição utilizada no título: para outra [branca]. Após isso, ressaltamos ao fato de que, depois de trazer o enunciado de Ana Maria Gonçalves, o *eu* refere-se à forma Thauane em doze situações. Em quase todos os parágrafos o *eu* marca a presença do *tu* claramente. Nesse sentido, podemos dizer que o *eu* constrói o seu texto junto com o *outro*. Mais: esse texto, pensamos, é construído pelo *eu* e pelo *outro* e, em certos momentos, o *outro* é o responsável pela composição do texto. Dizemos que o outro é mais responsável porque acreditamos que a palavra não pode se dissociar do convívio dialógico e, por isso, em certos momentos do texto, as palavras falam com a voz de Thauane, das mulheres negras, do movimento negro. Além dessa voz que se instaura no momento da escrita e da leitura



do texto, percebemos que há, claramente, a voz da mulher negra, ao trazer o enunciado da escritora Ana Maria Gonçalves, como também, das outras mulheres negras.

Para ilustrar essa questão, trazemos um trecho do texto de Brum, atentamos ao fato da preocupação que o *eu* tem para com o movimento negro, para com Thauane:

Se as mulheres negras me dizem que não posso usar um turbante porque para elas o turbante é um símbolo de pertencimento, eu escuto. E compreendo que não devo usar um turbante. Sim, Thauane, acho que você e eu e todas as brancas deste país em que a abolição da escravatura jamais foi completada podemos e devemos baixar a nossa cabeça em sinal de respeito e não usar um turbante apenas porque as negras dizem que não podemos. Apenas porque as fere que usemos turbantes. Há muitos outros argumentos, mas só este já me parece suficiente.

Precisamos destacar alguns pontos deste trecho: 1) as mulheres negras *dizem*; 2) o *turbante* é um símbolo de pertencimento; 3) eu escuto e compreendo; 4) acho que você e eu e todas as brancas. Em relação ao primeiro item, percebemos que as mulheres negras *dizem* que não se pode usar um *turbante*. O fato de que elas *dizem* se projeta no texto e revela a noção de uma voz presente no texto: a mulher negra diz e o *eu* escuta. Ao segundo item, confirmamos, como já apresentamos na discussão a respeito da diferença entre signo e sinal, que o *turbante* é um signo ideológico, aqui tratado como um símbolo de pertencimento, ou seja: signo porque remete a algo fora de si mesmo. Sobre os dois últimos pontos destacados, o fato de que, na condição de brancas, Eliane Brum e Thauane, ambas devem ouvir e compreender a existência do *outro*, neste caso, as mulheres negras, pelo fato de que elas não somente *usam* um *turbante*, mas o *habitam*.

Não percebemos, com isso, tentativas de reificação do *outro*. Em nenhuma circunstância houve um movimento que tentasse objetificar a presença da consciência do *outro*. Na verdade, o que ficou explícito neste texto foi a tentativa de aproximação pelo *eu* com o *outro*: ao ler a carta, pelos movimentos criados durante a leitura, vemos que, mesmo que só uma pessoa tenha escrito, são muitos os que auxiliaram no *todo*. Instala-se aqui a impossibilidade de se ver um enunciado como algo solitário, não dependente do contexto envolvido. Se o fizéssemos, não veríamos movimentos dialógicos, ou qualquer outra característica que dialogasse com *outro* enunciado.

Ao mesmo tempo em que tratamos esse enunciado como a projeção de uma carta ou somente uma carta aberta para determinada pessoa, devemos ter ciência de que o texto foi publicado numa coluna de opinião de um jornal internacional. Certamente, Eliane Brum não escreve somente para Thauane. Se assim o fosse, poderia mandar uma carta particular, uma mensagem privada. Encontramos, aqui, uma dualidade no seu texto: o

autor do texto começa seu texto com um vocativo, Thauane, mas também sabe que a pessoa referida não será a única leitora de sua criação. Nesse sentido, ao olharmos para esse texto, sabemos que Eliane Brum estabelece tais movimentos dialógicos para com o leitor também, uma vez que foi publicado num jornal cuja essência é compartilhar/informar os leitores sobre determinado assunto. O assunto desse texto, como percebemos durante a nossa análise, não se tornou singular pelo fato de que o enunciado foi claramente direcionado para uma pessoa, mas pela incrível capacidade que a escritora tem de, ao mesmo tempo, falar para uma pessoa e para tantas outras desconhecidas, os assinantes/leitores do jornal. Consegue, com isso, estabelecer uma aproximação para com Thauane, a qual foi personificada a partir de seu enunciado no Facebook, como também, para com o leitor do jornal, que conhece as habilidades de Eliane Brum e está acostumado com textos que tratam de assuntos sérios de uma forma tão poética, crítica e reflexiva.

É com essa maestria que Eliane Brum compõe o seu enunciado, pois consegue ao mesmo tempo colocar-se como *eu*, assumindo a existência em determinado contexto – situação social mais imediata – e, também, construir-se, com a ajuda de tantos *outros*, como uma possibilidade de diálogo. Reside nesse ponto a essência de todo o diálogo: sua inconclusibilidade, ou seja, o diálogo não tem fim, o que permite a continuidade da cadeia de comunicação discursiva. O diálogo, como sabemos, pressupõe, ao menos, dois. O objetivo que Brum deixou transparecer, neste texto, foi que, sim, pelo diálogo há a possibilidade de compreensão, de escuta, de atitude responsiva – bakhtinianamente falando.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao escrever uma conclusão para este trabalho, pensamos que este ato não pode ser entendido como um fechamento ou uma conclusão definitiva dos resultados/análises que foram feitas durante os capítulos. Muito pelo contrário: durante as análises e as discussões a respeito dos construtos teóricos, fomos também participantes do diálogo, pois, diante de determinados enunciados, agimos ativamente, isto é, tivemos uma compreensão ativa, a qual, como sabemos, é de índole dialógica. Nesse sentido, como participantes do diálogo – enquanto pesquisadores –, que não tem e não deve ter uma conclusão, refletimos a respeito dos movimentos dialógicos, que forjam consciências e ascendem sujeitos no discurso.

Quando optamos pela análise dialógica do discurso, pensamos que a pesquisa ficaria centrada nas possibilidades de criação ideológica, no fato de o signo não ser um sinal e nas propriedades da palavra. Sem dúvida, esses conceitos são de suma importância e contribuíram significativamente para a construção do todo do nosso trabalho, mas, durante a escrita, percebemos a necessidade de olhar mais amplamente para as composições, ou seja, para os enunciados concretos/pletos. Com isso, ampliamos a nossa pesquisa, que teve o objetivo de olhar tanto para o signo, o linguístico e o material (que pode se tornar ideológico), quanto para as relações dialógicas e suas implicações no discurso.

Demonstramos, com base nesses conceitos, o que significa andar com o *outro* durante a composição de determinado enunciado, que circula em determinada esfera, a qual possibilita uma quantidade limitada de gêneros, neste caso, uma coluna de opinião, que circula na esfera jornalística, projetada como uma carta aberta para um *outro* específico. Quando um enunciado invoca diversas vezes o *outro*, enquanto *outra* consciência, há uma abertura clara para o convívio dialógico da linguagem. Desse modo, o sujeito criado do enunciado tece seus textos de forma não reificadora, ou seja, ele sabe que a presença do *outro* é necessária para a vida da linguagem.

É dessa forma, portanto, que a autora compõe o seu texto, demonstrando como o *outro* e os *outros* são necessários para a vida. Constituir-se como ser é pensar dialogicamente, é ter a noção de que o *eu* não consegue ter autossuficiência. Com isso, na tentativa de se aproximar afetivamente, por meio de uma carta aberta, a escritora colocou-se como sujeito, construiu a ideia de um sujeito empático, que está preocupado

com o lugar do outro na sociedade e que, também, considera os outros como cidadãos pensantes, que podem e devem ter uma atitude responsiva em relação ao seu enunciado. Vemos quantas possibilidades existem ao olhar para o texto como um enunciado e não somente como um conjunto de unidades da língua, pois, dessa forma, ele estabelece relações com outros enunciados, demonstrando ecos e vestígios do *outro*.

Falamos em enunciado, relações dialógicas, palavra, signo, entre outros princípios bakhtinianos, e percebemos a impossibilidade de se trabalhar com a língua de forma isolada, descontextualizada. Quando pensamos em *língua*, não falamos a respeito de um sistema abstrato de signos, falamos dessa possibilidade de alterar a realidade que nos circunda. Tal realidade que, como sabemos, está repleta de dificuldades e tentativas de tornar o signo monovalente, que é a impossibilidade de ele ser ideológico. Na verdade, a realidade é refletida ou refratada por meio de signos: não temos contato direto com a realidade, temos, com certeza, contato com signos, que são criados num meio social em que os indivíduos estão organizados hierarquicamente e tem certa posição ativa em relação aos fatos que acontecem ao seu redor.

O signo, por ser algo vivo, flexível e móvel, não pode ser submetido e entendido como algo que apenas reflete algo que aconteceu, mas uma forma de compreender a realidade. Bakhtin (2014) entende que o signo funciona como uma miniarena em que as lutas sociais se desenvolvem. As lutas, que acontecem entre diversas consciências, acontecem pelo material verbal, cujo falante sempre levará em conta sua situação sócio-histórica, as diversas ideologias etc. Diante disso, não é apenas a realidade em si que é refletida ou refratada: antes de tudo, é o *ser* que se constitui nessa refração/reflexão. A ideia de existência se dá também por meio de signos que criam a ideia de sujeito, de pessoa ativa participante da cadeia de comunicação discursiva.

Com base nessa reflexão, pensamos que o trabalho foi de extrema importância para nossa formação crítica, enquanto pesquisadores da área de Letras. Não apenas como pesquisadores, mas cidadãos participantes do convívio dialógico, que buscam dialogar, questionar, refletir acerca dos principais acontecimentos políticos, culturais e filosóficos. Diante disso, não podemos deixar de registrar, neste trabalho, a preocupação em demonstrar que nada na língua é neutro, desprovido de posição. Como demonstramos durante as análises e os princípios teóricos, quando o falante mobiliza seu discurso, já está pressuposto que o ato criado provém de um indivíduo que faz parte de alguma sociedade, organizada de determinada forma, que tem uma ideologia dominante. Além disso, pelo fato de seu ato criado ser um enunciado, significa que este vem repleto de

expressão, o qual possui um colorido, um tom, um modo de dizer individual que se conecta com outros dizeres nessa cadeia de comunicação discursiva.

O objeto em análise, portanto, não foi visto como um objeto distante de outros dizeres, como sendo algo autônomo, mas participante da vida dialógica. Participar, nesse sentido, nos revela uma ideia de *estar*, de convívio: *estar é ser* e, para *ser*, é preciso comunicar. Diante de tudo o que apresentamos, percebemos que a vida da linguagem e, até mesmo, a noção de *vida* é criada por homens, os quais assumem sua existência por meio de textos, que procuram, indubitavelmente, *outros* enunciados, a fim de descobrir que a essência, o âmago de tudo é a vida com e pelo *outro*.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. pp. 261-306.

\_\_\_\_\_. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. pp. 307-335.

\_\_\_\_\_. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 16.ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

\_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 5.ed. São Paulo: Forense Universitária, 2010.

BEZERRA, Paulo. Polifonia. In: BRAIT, B. (org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2013. pp. 115-131.

BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (org.) *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2016. pp. 9-31.

BRUM, Eliane. De uma branca para outra. *El País*. Brasil, 20 fev. 2017. Coluna. Disponível em: <[brasil.elpais.com/brasil/2017/02/20/opinion/1487597060\\_574691.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/20/opinion/1487597060_574691.html)>. Acesso em 02 nov. 2017.

FARACO, Carlos A. *Linguagem e diálogo: ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

STELLA, Paulo R. Palavra. In: BRAIT, B. (org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2012.

ZANDWAIS, Ana. Bakhtin/Voloshinov: condições de produção de *Marxismo e filosofia da linguagem*. In: BRAIT, B. (org.) *Bakhtin e o Círculo*. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2016. pp. 97-116.

## ANEXO A

Thauane,

Em 4 de fevereiro, você postou o seguinte texto em sua página no Facebook: “Vou contar o que houve ontem, pra entenderem o porquê de eu estar brava com esse lance de apropriação cultural: eu estava na estação com o turbante toda linda, me sentindo diva. E eu comecei a reparar que tinha bastante mulheres negras, lindas aliás, que tavam me olhando torto, tipo ‘olha lá a branquinha se apropriando da nossa cultura’, enfim, veio uma falar comigo e dizer que eu não deveria usar turbante porque eu era branca. Tirei o turbante e falei ‘tá vendo essa careca, isso se chama câncer, então eu uso o que eu quero! Adeus’. Peguei e saí e ela ficou com cara de tacho. E, sinceramente, não vejo qual o PROBLEMA dessa nossa sociedade, meu Deus”.

Ao final, você fez a hashtag: #VaiTerTodosDeTurbanteSim.

Desde então, Thauane, você deu entrevistas, foi xingada e foi elogiada nas redes sociais. Desde então, produziu-se uma grande quantidade de textos de opinião, matérias e posts sobre o que aconteceu com você. Uma parte significativa desse material produzido continha acusações ao movimento negro, de que estaria fazendo algo nomeado como “racismo reverso”.

O episódio relatado por você e a repercussão do seu relato são tudo menos uma banalidade. Ambos contam de um momento muito particular do Brasil no que se refere à denúncia do racismo. Um momento que, por sua riqueza, não pode ser interdito por muros. É por isso que decidi escrever minha coluna pública como uma carta para você. Porque não poderia falar de você como “a branca do turbante”, apenas. Sim, você é branca. E você colocou um turbante. Mas você também é Thauane, uma mulher e suas circunstâncias. E, assim, a carta é o gênero com que posso melhor expressar meu afeto.

Eu acredito muito em cartas, Thauane, porque elas pressupõem um remetente e um destinatário. E elas expressam algo ainda mais fabuloso, que é o desejo de alcançar o outro. Poucas coisas são mais tristes que cartas perdidas, extraviadas. Cartas que não chegam ao seu destino. E quando a gente conversa com um muro no meio, as cartas não chegam. O muro barra o movimento da palavra.

Assim, Thauane, eu inicio dizendo a você que não sei como é receber um diagnóstico de leucemia. Não sei como é perder o cabelo aos 19 anos. Não sei como é acreditar que encontrou uma saída estética para cobrir a nudez da cabeça e ouvir que esta saída não é ética. Não sei. Mas tento saber. Acredito profundamente em vestir a pele do

outro. Mas sei também do limite deste gesto. Buscamos vestir, mas não conseguimos vestir por completo. A beleza deste movimento é justamente a busca.

Ao tentar vestir a sua pele, consciente dos limites deste gesto, posso sentir o quanto deve ter sido duro ouvir o que você conta ter ouvido: “Você não pode usar turbante porque é branca”. Ter câncer é estar nu de tantas maneiras diferentes, e a sua nudez estava exposta na sua cabeça. E você tinha encontrado um abrigo que te fazia sentido, que era um turbante bonito. Para você também não era só um acessório, talvez fosse quase uma casa. E a estranha que te aborda, cortando esta cena com um “não”, pode ter doído em porções do seu corpo que você nem sabia que existiam até então.

É isso que eu apalpo quando tento te alcançar tendo apenas lido você no Facebook. Você doendo. E, sentindo-se atacada, apropria-se do que considera seu direito de vestir o que quiser, de se expressar como quiser pelo que bota sobre seu corpo, e diz que, sim, TODOS podem usar turbante mesmo que negras digam a você que não porque, afinal, qual é o problema de ser branca e usar turbante? Afinal, não seria até mesmo um reconhecimento e uma homenagem, já que você considera algo identificado com a cultura negra tão bonito que escolhe botar na cabeça? E isso te parece bastante óbvio. E parece bastante óbvio para muitas pessoas que te apoiam.

Eu escuto você. E compreendo o caminho do seu pensamento. E percebo que, para mim, não é difícil vestir a sua pele, ainda que não possa, jamais poderei, vesti-la por completo. É neste ponto que sou atravessada pela primeira interrogação. É mais fácil para mim vestir a sua pele branca do que vestir a pele negra da mulher que te abordou com um não. Eu tenho mais elementos para vestir a sua pele branca e bem menos elementos para vestir a pele negra dela. Por uma razão bastante óbvia: eu tenho uma vida de mulher branca num país como o Brasil.

Esta constatação me faz perceber que, exatamente por ser mais difícil, eu preciso tentar mais. Bem mais. Sabe, Thauane, eu nasci e cresci numa cidade em que a maioria é descendente de imigrantes europeus, especialmente alemães. Eu mesma sou descendente de italianos. Cresci observando o racismo ser uma condição tão natural quanto comer e dormir. Não o racismo disfarçado de tantos, mas o racismo que sequer estranha a si mesmo. Assim, quando começaram os debates das cotas sociais X cotas raciais, e isso porque não estou contando a parcela da população que acha que não precisa de cota nenhuma, não me foi difícil concluir que as cotas deveriam ser raciais.

Na cidade da minha infância, as negras sequer eram aceitas como empregadas domésticas. Como os patrões eram descendentes de imigrantes europeus, não traziam a



experiência da Casa Grande, em que os negros escravizados faziam todo o serviço pesado, dentro e fora das casas. Ao contrário. Os avós e bisavós da maioria, como os meus mesmo, conseguiram escapar da fome de seus países de origem graças à ideia de branqueamento do Brasil que esteve no cerne das políticas de imigração do século 19. Para evitar o risco de que o Brasil ficasse mais preto, importou-se carne branca. Na região em que eu vivia, havia dois párias: os indígenas e os negros.

No Brasil da minha infância, ser empregada doméstica era quase ser escrava. Como todos sabemos, ainda hoje, em tantos lugares, segue assim. Mas o racismo era tão profundo que nem para cozinhar, lavar e limpar sem limite de horas para terminar a jornada e ganhar um salário miserável ao final as negras serviam. Sabe por quê? Porque boa parte das famílias brancas não queria a pele negra “sujando” a sua comida, a sua roupa de cama, o seu mundo. Assim, até para os serviços com a pior remuneração e com as piores condições de trabalho a preferência era pelos brancos pobres. O racismo, mais uma vez, condenava as negras a ver seus filhos passarem fome.

Percebi então que eu, como mulher branca, descendente de imigrantes europeus, já nasço neste país com muitos privilégios. Percebi primeiro pela intuição, ao observar o meu entorno, e depois fui estudar para compreender também através dos fatos, das reflexões e do processo histórico. Nasço neste país com privilégios. Mas não só. Percebo que já me insiro neste mundo pela experiência de “existir violentamente”. Vou aprofundar este conceito mais adiante.

Quando a gente ouve um “não”, Thauane, nossa primeira reação é dizer um “sim”. Sim, eu faço. Sim, eu vou. Sim, eu posso. Especialmente numa época em que se vende a ideia de que podemos tudo. E de que poder tudo é uma espécie de direito. Mas não, não podemos tudo. E nos deparamos com essa realidade a cada dia. Compreendo também, Thauane, que você sabe disso talvez melhor do que a maioria, porque não há nada mais revelador de nossos limites do que uma doença que nos coloca diante da tragédia maior da condição humana, que é morrer. E uma doença como câncer, mesmo quando há muitas chances de cura, nos lança neste abismo. Porque só a possibilidade já é devastadora.

Mas tenho aprendido, Thauane, e isso me veio com o envelhecimento, que, muitas vezes, mesmo quando a gente pode a gente não pode. Ou, dizendo de outro modo: o fato de poder não quer dizer que a gente deva. Assim, é verdade. Você pode usar um turbante mesmo que uma parte significativa das mulheres negras digam que você não pode. Mas você deve? Eu devo?

Como para mim é mais difícil vestir a pele de uma mulher negra, porque por ser branca eu tenho menos elementos que me permitem alcançá-la, eu preciso fazer mais esforço. Não porque sou bacana, mas por imperativo ético. E a melhor forma que conheço para alcançar um outro, especialmente quando por qualquer circunstância este outro é diferente de mim, é escutando-o. Assim, quando ouvi que não deveria usar turbante, entre outros símbolos culturais das mulheres negras, fui escutá-las. Acho que isso é algo que precisamos resgatar com urgência. Não responder a uma interdição com uma exclamação: “Sim, eu posso!”. Mas com uma interrogação: “Por que eu não deveria?”. As respostas categóricas, assim como as certezas, nos mantêm no mesmo lugar. As perguntas nos levam mais longe porque nos levam ao outro.

A resposta mais completa que encontrei na minha busca foi um texto de Ana Maria Gonçalves. Escritora de grande talento, mulher, negra. Autora de *Um defeito de cor*, um romance extraordinário. Sugiro a leitura do texto inteiro, publicado no Intercept. Mas reproduzo aqui os trechos que me parecem fundamentais para que eu possa continuar a escrever a minha carta de branca. Ana Maria Gonçalves diz:

“Boa parte da população branca brasileira sabe de suas origens europeias e cultiva, com carinho e orgulho, o sobrenome italiano, o livro de receitas da bisavó portuguesa, a menorá que está há várias gerações na família. Quem tem condições vai, pelo menos uma vez na vida, visitar o lugar de onde saíram seus ancestrais e conhecer os parentes que ficaram por lá. E os descendentes dos africanos da diáspora? Quando chegaram por aqui, os traficantes de pessoas já tinham apagado os registros do lugar de onde haviam saído, redefinindo etnias com nomes genéricos como Mina (todos os embarcados na costa da Mina), feito-os dar voltas e voltas em torno da Árvore do Esquecimento (ritual que acreditavam zerar memórias e história) ou passarem pela Porta do Não Retorno, para que nunca mais sentissem vontade de voltar, separando-os em lotes que eram mais valiosos quanto mais diversificados, para que não se entendessem.

Ainda em terras africanas tinham sido submetidos ao batismo católico para que deixassem de ser pagãos e adquirissem alma por meio de uma religião ‘civilizatória’, ganhando um nome ‘cristão’ que se juntava, em terras brasileiras, ao sobrenome da família que os adquiria. No Brasil, não podiam falar suas próprias línguas, manifestar suas crenças, serem donos dos próprios corpos e destinos. Para que algo fosse preservado, foram séculos de lutas, de vidas perdidas, de surras, torturas, ‘jeitinhos’, humilhações e enfrentamentos em nome dos milhares dos que aqui chegaram e dos que ficaram pelo caminho. Como resultado disto, somos o que somos: seres sem um pertencimento

definido, sem raízes facilmente traçáveis, que não são mais de lá e nunca conseguiram se firmar completamente por aqui.

(...)

Viver em um turbante é uma forma de pertencimento. É juntar-se a outro ser diaspórico que também vive em um turbante e, sem precisar dizer nada, saber que ele sabe que você sabe que aquele turbante sobre nossas cabeças custou e continua custando nossas vidas. Saber que a nossa precária habitação já foi considerada ilegal, imoral, abjeta. Para carregar este turbante sobre nossas cabeças, tivemos que escondê-lo, escamoteá-lo, disfarçá-lo, renegá-lo. Era abrigo, mas também símbolo de fé, de resistência, de união. O turbante coletivo que habitamos foi constantemente racializado, desrespeitado, invadido, dessacralizado, criminalizado. Onde estavam vocês quando tudo isto acontecia? Vocês que, agora, quando quase conseguimos restaurar a dignidade dos nossos turbantes, querem meter o pé na porta e ocupar o sofá da sala. Onde estão vocês quando a gente precisa de ajuda e de humanidade para preservar estes símbolos?

O turbante que habitamos não é o mesmo. O que para você pode ser simples vontade de ser descolado, de se projetar como um ser livre e sem preconceitos, para nós é um lugar de conexão”.

Não sei como você escuta isso, Thauane. Mas posso te contar como eu escuto. Escutar a voz de Ana Maria Gonçalves, assim como de outras mulheres negras, produz movimento em mim. As vozes dessas mulheres me alargam por dentro. Alargam a minha visão de mundo. Eu não conseguiria compreender desta forma, desta forma que atravessa o meu corpo, não fosse elas terem a paciência de me explicar com palavras que também atravessam seus corpos.

Eu compreendo que, para você, o turbante também significava abrigo. E talvez abrigo da dor. Mas você tem outras formas de encontrar abrigo para sua cabeça nua. Assim como eu tenho outros jeitos de me expressar através do que coloco na cabeça. As mulheres negras nos explicam que não. Que para elas o turbante é memória, é identidade e é pertencimento. É, portanto, vital. O que as mulheres negras nos dizem, Thauane, é que não querem que o turbante, que tão precioso é para elas, vire mera mercadoria na nossa cabeça. Então, Thauane, acho que eu e você precisamos escutá-las. E podemos não usar um turbante. Aliás, não usar um turbante é bem o mínimo que podemos fazer.

E podemos não usá-lo por muitos argumentos, mas aqui, me basta este. Porque são elas que me dizem. As mulheres negras, as que no passado foram arrancadas de suas terras e trazidas como carga para o Brasil para trabalharem como escravas, as mulheres

negras que eram violentadas por brancos como desacontecimento cotidiano. As mulheres negras, que deixaram de amamentar seus próprios filhos para amamentar os filhos das sinhazinhas brancas. As mulheres negras, que foram obrigadas a criar os filhos de outras enquanto os seus eram esquecidos. As mulheres negras, que quando seus filhos sobreviviam à fome, aos maus tratos e às doenças, tudo o que podiam esperar de um futuro era que também fossem escravos. As mulheres negras, que no presente seguem tendo os piores salários, a mais baixa escolaridade, menos acesso a tudo. As mulheres negras, que hoje são as que mais morrem de parto, são as que mais perdem filhos pequenos para doenças que não deveriam mais matar, são as que mais sofrem com filhos adolescentes e adultos em prisões que são campos de concentração não disfarçados. As mulheres negras, que têm seus filhos executados pela polícia e por grupos de extermínio, vítimas de um genocídio que provoca escassa revolta na parcela branca da população. As mulheres negras, que são as que mais sofrem estupro e as que têm menos acesso à tratamento quando adoecem de câncer.

Se as mulheres negras me dizem que não posso usar um turbante porque para elas o turbante é um símbolo de pertencimento, eu escuto. E compreendo que não devo usar um turbante. Sim, Thauane, acho que você e eu e todas as brancas deste país em que a abolição da escravatura jamais foi completada podemos e devemos baixar a nossa cabeça em sinal de respeito e não usar um turbante apenas porque as negras dizem que não podemos. Apenas porque as fere que usemos turbantes. Há muitos outros argumentos, mas só este já me parece suficiente.

Mas eu entendo também, Thauane, que precisamos conversar sobre isso. Escuto de algumas mulheres negras que é demais pedir que tenham a paciência de nos explicar depois do tanto que sofreram esses séculos todos e com um genocídio negro se desenrolando agora mesmo sem causar clamor. E compreendo que é difícil. Mas ainda assim acho que é preciso. Porque se não conseguirmos estabelecer um diálogo que não seja mais do que gritos de um lado e outro, ergueremos novos muros ou aumentaremos ainda mais a altura dos já existentes. E acho que podemos concordar que se há algo que este país não precisa é de mais muros.

Gostaria de acreditar, Thauane, que se você em vez de ouvir um repentino “não pode usar turbante porque é branca” fosse abordada de outra maneira, que se em vez de “não pode usar” e “vou usar sim” houvesse uma conversa entre duas pessoas capazes de se escutar mutuamente, você talvez tivesse concluído que não deveria usar um turbante.

E a história que você publicou no Facebook seria então outra, mais inspiradora e com muito mais potência.

Se esse episódio acontecesse alguns anos atrás, Thauane, eu talvez aderisse à sua hashtag #VaiTerTodosDeTurbanteSim. Porque acharia uma convocação mais igualitária. Até alguns anos atrás eu acreditava que era suficiente não ser racista. Eu me achava bacana por defender os direitos humanos e denunciar a violência contra as minorias. Eu me achava legal por não distinguir raça, mas enxergar pessoas. Eu teria convicção de que, ao usar um turbante, estaria fazendo um reconhecimento e uma homenagem à outra cultura. Até alguns anos atrás eu acreditava que era isso o que eu poderia fazer de melhor como branca num país racista.

Tenho aprendido, Thauane, que é mais complicado. E tenho aprendido que é mais complicado com as mulheres negras e com os homens negros. Desde que a internet e as redes sociais tornaram possível que suas vozes ecoassem mais e mais longe, já que os espaços tradicionais eram e seguem sendo bastante interditados para os negros, eu tenho tido a chance de aprender com eles. Isso não significa que exista uma voz absoluta que possui todas as verdades e que tem razão a priori. Significa ter a oportunidade de escutar e de interrogar e até de discordar porque aprender é movimento, não deglutição.

Escutando os vários movimentos negros, Thauane, tenho aprendido que às vezes somos racistas sem saber que somos. É algo tão entranhado na nossa apreensão de mundo que, mesmo quando acreditamos não sermos, às vezes somos. Nas palavras, nos gestos, no caminho que alguns pensamentos fazem. Quantas vezes, por exemplo, amigos brancos não acharam que eram muito bacanas por tratarem bem os negros? A própria ideia de se achar incrível por tratar bem alguém de outra raça pressupõe que haveria um motivo para não tratar bem alguém de outra raça. E este já é um pensamento racista. Ou o famoso “não sou racista, tenho até amigos negros”.

Mas o que para mim tem se tornado mais evidente, Thauane, é o que tenho chamado de existir violentamente. Por mais éticos que nós, brancos, pudermos ser, a nossa condição de branco num país racista nos lança numa experiência cotidiana em que somos violentos apenas por existir. Quando eu nasço no Brasil, em vez de na Itália, porque as elites decidiram branquear o país, já sou de certo modo violenta ao nascer. Quando ao meu redor os negros têm os piores empregos e os piores salários, a pior saúde, o pior estudo, a pior casa, a pior vida e a pior morte, eu, na condição de branca, existo violentamente mesmo sem ser uma pessoa violenta.

Por isso escrevi um texto aqui afirmando que, no Brasil, o melhor branco consegue no máximo ser um bom sinhozinho. Porque, sim, ainda somos sinhazinhas e sinhozinhos, mesmo quando tentamos ser igualitários. Porque a desigualdade racial é nossa condição cotidiana. E essa experiência de existir violentamente – ou de ser violenta mesmo sem ser violenta – é algo que me corrói.

É duro, Thauane, reconhecer e sentir nos ossos, a cada dia, que existo violentamente. Não posso escolher não existir violentamente, porque esta é a condição que me foi dada neste momento histórico. Mas penso que há algo que posso escolher, que é lutar para que meus netos possam viver num país em que um branco não exista violentamente apenas por ser branco. E para isso eu preciso escutar. E, principalmente, preciso perder privilégios. Me parece que hoje uma das questões mais cruciais deste país diz respeito a quanto estamos dispostos a perder para estar com o outro. Porque será preciso perder para que o Brasil se mova, para que o mundo se mova.

E às vezes os privilégios mais difíceis de perder, Thauane, são os mais sutis, assim como os mais subjetivos. Por séculos os brancos falaram praticamente sozinhos no Brasil, inclusive sobre o que é cultura e sobre o que é pertencimento. Os brancos falaram praticamente sozinhos até sobre o lugar do negro neste país. Agora, ainda bem, perdemos esse privilégio. E vamos ter que conversar. Mas o privilégio primeiro que perdemos quando as vozes negras começaram a ecoar mais longe é o da ilusão de que somos “limpinhos” porque não somos racistas. Não somos limpinhos. Porque não há como ser branco e ser limpinho num país em que os negros vivem pior e morrem primeiro. É isso que eu chamo de existir violentamente.

Escrevo esta carta para você, para todos e também para mim, na esperança de que ela atravesse os muros e chegue ao seu destino. E me despeço dizendo, Thauane, que com toda a sua dor e com toda a sua nudez, acho que você, eu, todas nós, mulheres brancas, precisamos escolher perder o privilégio de usar turbante, com tudo o que isso significa. Não apenas porque alguém barrou o gesto, mas porque somos capazes de escutar argumentos e aprender com eles. E porque queremos muito estar com o outro sem ser violentamente.